

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS E CULTURA REGIONAL

IVI HELENA MINUZZI

ELOS DA MEMÓRIA
O DISCURSO DOS AVÓS SOBRE A CULTURA

Caxias do Sul
2007

IVI HELENA MINUZZI

ELOS DA MEMÓRIA
O DISCURSO DOS AVÓS SOBRE A CULTURA

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Letras e
Cultura Regional na Universidade de Caxias
do Sul.

Orientadora: Dra. Vânia B. M. Herédia

Caxias do Sul

2007

Aos meus avós:

Dona Helena – mulher de fibra, em quem me vejo na determinação, na teimosia e no amor.

‘Seu’ Greff – saudade dos ensinamentos que o tempo me ajudou a entender.

Natalina e Antônio – avós construídos na imaginação, presentes pelas histórias e pela falta.

“TUDO O QUE EM NÓS HÁ DE MAIS ORIGINAL CONSERVAR-SE-Á TANTO MELHOR E SERÁ TANTO MAIS APRECIADO, QUANTO MAIS FORMOS CAPAZES DE NÃO PERDER DE VISTA OS NOSSOS ANTEPASSADOS” (GOETHE):

AGRADECIMENTOS

À querida professora Dra. Vânia Beatriz Merlotti Herédia, pela disponibilidade, confiança e cumplicidade com que me orientou nesta pesquisa.

Ao meu pai pelo incentivo e pela confiança que sempre depositou em mim.

À minha mãe, que me introduziu no mundo da literatura e com seu amor e conhecimentos contribuiu com cada etapa desta pesquisa.

Ao meu irmão Júnior, pela generosidade que tornou a realização deste mestrado possível.

Ao Marcelo, meu amor e meu amigo, obrigada por fazer seus os meus projetos, por modificar os nossos planos para realizar este sonho.

Ao Vítor, meu projeto de vida, que chegou para dar novo sentido a tudo o que conhecia.

Aos avós participantes deste estudo, obrigada pela alegria com que me acolheram e compartilharam suas vidas.

A Deus, refúgio seguro e revitalizador em todas as horas.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar, através da memória de idosos e da memória literária, as manifestações culturais presentes no vínculo entre avós e netos. Para tal, foram privilegiadas três obras em que o narrador lembra de sua vida, os excertos das obras literárias representam o trabalho da memória sobre os avós e as relações da memória com a família e a cultura. As obras escolhidas foram: *Solo de Clarineta* de Érico Veríssimo, *Menino de Engenho* de José Lins do Rego e *Infância* de Graciliano Ramos. Também foi realizado um estudo qualitativo em que se aplicou a análise de conteúdo nas entrevistas narrativas de idosos-avós que lembravam de seus avós e de seus netos. Dessa análise foram construídas cinco categorias e subcategorias que sintetizaram o conteúdo dos discursos: a primeira categoria chama-se *Espaços de Convivência* e tem uma subcategoria chamada *Retrato dos Lugares*; a segunda chama-se *Papéis dos Avós* e engloba a subcategoria *Meios de Proteção*; a terceira é *Traços Culturais* e tem como subcategorias *Sabedoria dos Avós* e *Práticas Religiosas*; a quarta categoria chama-se *Sentimento de Pertença* e tem a subcategoria *Histórias de Origem e Marcas e Diferenças*, a quinta categoria chama-se *Re(-)conhecimento da vida* e engloba as idéias de *Limites e Possibilidades*. O diálogo entre o discurso dos entrevistados e as narrativas literárias possibilitou compreender dinamicamente a memória coletiva no vínculo intergeracional e discutir a importância dos avós como representantes da cultura.

Palavras-chaves: Literatura, Memória Coletiva, Cultura Regional, Vínculo, Relações Intergeracionais.

ABSTRACT

This study has the objective of analyzing, through elderly's memories and memory literary, the cultural manifestations present in the ties of grandparents and grandchildren. For that, to prioritize three text where the narrator remembers its life. It was taken excerpts from literatures that represent the memory work about grandparents and the relation of the memory with culture and family. The writings were: *Solo de Clarineta* from Érico Verissimo, *Menino de Engenho* from José Lins do Rego and *Infância* from Graciliano Ramos. Was made a qualitative research, in what it was set the content analysis of narrative interviews of elderly grandparents that remembered of their grandparents and grandchildren. From this analysis, five categories and subcategories were made that synthesize the content of the speeches: the first category is called: *Places to be together* and it has a subcategory called: *Pictures of the places*; the second is called: *The role of the grandparents* and it has the subcategory *Protection means*; the third is called *Cultural features* and its subcategories are: *Grandparents knowledge* and *Religion practices*; the fourth category is called *Belonging feeling* and it has the subcategories *Origin history* and *Differences and marks*, finally the fifth category, that is called *Life recognition* and it has the ideas of limits and possibilities. This dialogue between the interviewed and the literary narratives could make it to be understood dynamically the collective memory in the family tie and to discuss the importance of grandparents as cultural representants.

Key-words: Literature, Collective memory, Ties, Relations between generations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo Geral	11
1.1.2 Objetivos Específicos	11
1.2 QUESTÕES NORTEADORAS	12
2 METODOLOGIA	13
2.1 MÉTODO	13
2.2 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS	14
2.2.1 Critérios para a escolha dos entrevistados.	14
2.2.2 Construção do corpus.	15
2.2.3 Técnica de pesquisa: entrevista narrativa.	15
3 LITERATURA E MEMÓRIA	17
3.1 AS MEMÓRIAS NA LITERATURA	18
3.1.1 O contexto das obras	20
3.2 A LITERATURA NO ESTUDO DA MEMÓRIA SOBRE OS AVÓS	26
4 A MEMÓRIA	28
5 OS LUGARES DA MEMÓRIA COLETIVA	40
5.1 A FAMÍLIA E OS PRIMEIROS QUADROS DA MEMÓRIA	40
5.2 MEMÓRIA, CULTURA E REGIÃO	43
5.3 OS AVÓS E A FUNÇÃO SOCIAL DE LEMBRAR	45
6 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO DISCURSO DA MEMÓRIA	50
6.1 ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA	53
6.1.1 Retrato dos Lugares	58
6.2 PAPÉIS DOS AVÓS	59
6.2.1 Meios de Proteção	61
6.3 TRAÇOS CULTURAIS	64
6.3.1 Saberes dos Avós	65
6.3.2 Práticas Religiosas	68
6.4 SENTIMENTO DE PERTENÇA	70
6.4.1 Histórias de Origem	70
6.4.2 Marcas e Diferenças	72
6.5 RE(-)CONHECIMENTO DA VIDA	74
6.5.1 Limites e Possibilidades	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
ANEXOS	86

1 INTRODUÇÃO

Este estudo busca analisar, através da memória, as manifestações culturais que perpassam o vínculo entre avós e netos e que revelam a dinâmica da cultura regional. Para

isso se realizou um estudo multidisciplinar que discute à luz da teoria da memória coletiva, da sociologia, de estudos gerontológicos e da psicanálise vincular, a cultura vinculada à dimensão discursiva da memória dos avós.

Ao estudar a memória dos idosos, busca-se contribuir para os estudos sobre o envelhecimento e a velhice os quais tem ganhado maior espaço nas últimas décadas. Esse crescente é uma necessidade surgida a partir da maior longevidade e conseqüente aumento da população idosa.

A memória é constituída muito cedo, logo que o indivíduo inicia suas relações sociais e tem condições de se inserir na corrente de pensamento do grupo. Além de suas vivências pessoais guardadas na lembrança, o que irá garantir o registro mnêmico, é a memória coletiva, os aspectos sociais transmitidos pelo grupo que servem de enquadre para as lembranças. Quando se estuda a memória individual, está-se estudando, também, a memória coletiva, lugar de transmissão cultural e de construção de identidade.

É justamente a memória coletiva que transmite às gerações os modos de ser da sociedade e lhes garante a perpetuação da essência da cultura, ainda que muitos aspectos ganhem novas características. São as histórias, os gestos, as práticas, os hábitos, as representações e os modos de ser que transmitem aspectos culturais e, portanto, aspectos da memória coletiva.

Muitos são os meios de garantir as manifestações culturais ao longo de gerações, porém essa transmissão de memória é entendida como função social do velho, do patriarca e da matriarca do grupo que, com experiência, sabedoria e tempo disponível, trabalham a história da sociedade. No entanto, nem sempre a família e a sociedade disponibilizam tal função para o idoso. Não raro, o velho é um ser “sem função”, improdutivo, sem responsabilidades e desvalorizado.

É com a intenção de questionar e refletir sobre essa situação que o presente estudo mostra-se frutífero e necessário. Visa-se não só a valorizar o papel dos avós na família, em especial na vida dos netos e enfatizar a importância desse vínculo para a vida do idoso, mas, principalmente, ressaltar a importância deste vínculo intergeracional para a cultura, para os modos de ser na sociedade e para construção de identidade.

Ao privilegiar os aspectos dinâmicos da memória e da cultura, o estudo propõe analisar a dimensão discursiva da memória nas narrativas dos avós sobre seus próprios avós e sobre seus netos. Nesse jogo de olhar o passado e o presente, abre-se a possibilidade de, segundo Halbwachs (2004), reeditar as memórias a partir do lugar que se ocupa. Os

entrevistados olham para os acontecimentos de suas vidas com a bagagem de quem já é avô e avó. Portanto, a memória nunca é a mesma; é sempre uma reconstrução.

Procura-se, também, privilegiar as obras literárias e discutir as relações entre memória e literatura e enquanto representação do trabalho da memória, objetiva-se, também, evidenciar como a memória dos personagens representa a memória coletiva. Como não foram encontrados na literatura personagens avós que lembrem de seus avós os excertos literários não formam o corpus da pesquisa, mas são incluídos mediando a teoria e o trabalho da memória, dialogando com o discurso dos entrevistados.

Nesse estudo da memória, tem-se como objetivos específicos descrever os papéis sociais desempenhados pelos avós na cultura, ao mesmo tempo em que busca identificar e analisar as manifestações culturais e suas mudanças presentes na memória dos avós, tendo como contexto a cultura regional.

Para contemplar todos esses aspectos, optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa. Utilizou-se a análise de conteúdo dos discursos obtidos através de entrevistas narrativas. Essas entrevistas semi-estruturadas constituíram o corpus desse estudo com vistas a atingir os objetivos e requisitos previamente definidos. Tal metodologia proporciona ao pesquisador a compreensão do conteúdo dos discursos embasada no entrecruzamento de diversas áreas do conhecimento.

Esta dissertação busca apresentar, de forma sistematizada, em capítulos, os caminhos teóricos, metodológicos e analíticos desenvolvidos ao longo do estudo. Em um primeiro momento são apresentados os objetivos e questões que nortearam a pesquisa. A metodologia é apresentada no segundo capítulo esclarecendo a construção do corpus e explicando a técnica da entrevista narrativa e do método de análise das entrevistas.

No terceiro capítulo se discute a relação entre literatura e memória, mostra-se a origem desta relação e as questões que envolvem as obras do gênero confessional como as narrativas de memória. São apresentadas, também, as obras que compõe este estudo bem como são esclarecidas as razões pelas quais estas não formam o corpus de análise e o papel fundamental que estas assumem ao dialogarem com a teoria e com o discurso dos entrevistados.

No quarto capítulo, a memória é apresentada segundo a teoria da memória coletiva de Halbwachs (2004) e são discutidos os princípios e características de constituição e rememoração da memória individual e coletiva. Também é revisada a importância da memória coletiva tanto para a transmissão da cultura, como para a memória individual e suas relações com a história, hábitos, tempo e espaço.

No quinto capítulo, os conceitos de memória coletiva, cultura, região e vínculo são entrelaçados, tendo como contexto de análise as relações familiares. As discussões inerentes à temática são dinamizadas pela presença das obras literárias que se apresentam como espaços de memória coletiva e, portanto, espaço de cultura regional.

O sexto capítulo da dissertação compreende a análise dos resultados. Ali são apresentadas as categorias que sintetizam os conteúdos das entrevistas e mostram as manifestações culturais no vínculo entre avós e netos. Ainda se busca uma reflexão sobre essas vivências com base no referencial teórico do estudo. Na discussão das manifestações culturais na memória, além da fala dos entrevistados, são destacados excertos literários que evidenciam a dialética memória-cultura regional -família.

Por fim, fazem-se algumas considerações acerca dos resultados e de todo o processo da pesquisa e procura-se suscitar ainda mais as reflexões e estudos sobre a velhice na família e na sociedade. Fica claro, então, que este estudo atinge os objetivos a que se propôs e mostra como a cultura regional é transmitida para as gerações através do vínculo entre avós e netos. Evidencia-se, ainda, que a cultura ganha novas características de acordo com cada geração e época sem, contudo, alterar sua essência.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar as manifestações culturais presentes nos vínculos entre avós e netos através da memória dos avós sobre seus avós e sobre seus netos a fim de compreender a cultura presente nesses vínculos e verificar como ocorre a aceitação destes pela sociedade.

1.1.2 Objetivos Específicos

Descrever os papéis existentes no vínculo entre avós e netos que expressam a cultura regional.

Identificar as manifestações culturais relacionadas ao vínculo entre avós e netos manifestos no discurso do idoso e na literatura.

Analisar as representações das manifestações culturais presentes na memória dos avós sobre seus avós e dos avós sobre seus netos as quais expressam a cultura

Analisar as mudanças que marcaram os vínculos entre avós e netos nas manifestações culturais que expressam a cultura.

1.2 QUESTÕES NORTEADORAS

Como se dá o vínculo entre avós e netos nas manifestações culturais? Que papéis estão presentes neste vínculo?

Os avós identificam a influência de seus avós nas manifestações culturais?

Através dos discursos da memória, e da literatura os avós estabelecem relações entre o vínculo que tinham com seus avós e o vínculo que têm hoje com seus netos?

Como a cultura influencia e é influenciada pela relação entre avós e netos?

As manifestações culturais presentes nas relações entre avós e netos são sinais de mudanças culturais?

2 METODOLOGIA

2.1 MÉTODO

A Análise de Conteúdo foi o método privilegiado neste estudo para alcançar os objetivos propostos. O método consiste em técnicas para a análise da comunicação que visa a ultrapassar as incertezas e enriquecer o entendimento do material analisado. É um instrumento de investigação que contribui para a visão crítica, e não uma mera leitura ingênua e simples da realidade. A análise de conteúdo possibilitou analisar as mudanças culturais no vínculo entre avós e netos de forma dialética, a fim de privilegiar diversas áreas de estudo.

Por permitir uma exploração minuciosa das narrativas, a análise de conteúdo serve para compreender as percepções quanto às mensagens discursivas e enriquecer seu significado que é construído de acordo com o suporte teórico do estudo (BARDIN 2000).

Nesta dissertação, em cujos objetivos há seu norte fundamental, a validade do método é assegurada pelo rigor observado nas etapas propostas. Para a execução deste trabalho foram observadas as etapas sugeridas por Bardin (2000).

A primeira etapa é chamada de *pré-análise*. É a fase de organização do material e das atividades fundamentais para a execução do método. Nesta etapa fez-se a escolha do material com base nos objetivos e construiu-se o corpus. Foi durante esta fase, de exploração das obras literárias que se constatou o pouco espaço dado à memória de personagens avós. Visto que o objetivo deste estudo contempla a narrativa de idosos avós sobre seus avós e seus netos e os primeiros não constam na literatura de forma a compor um corpus, optou-se por excluir as narrativas literárias do corpus analisado e utilizá-las em outro momento.

No estudo, as narrativas de memória na literatura representam, além do trabalho da memória e suas características, também a lembrança de um adulto sobre os avós. A escolha da obras literárias justifica-se na medida em que as obras literárias são lugar de memória coletiva, representam a cultura regional, mas não preenchem os pré-requisitos para participar do corpus, que será discutido posteriormente.

A segunda etapa é a exploração - quando o corpus foi organizado e a categorização das unidades foi construída. Este processo consistiu em explorar as narrativas no sentido de destacar os elementos presentes nos discursos para, então, agrupá-los de acordo com o conteúdo análogo e dar um título de referência para cada categoria. As categorias representam a síntese do conteúdo das entrevistas e tiveram como foco para o agrupamento as

manifestações culturais presentes na memória. Tal procedimento possibilitou uma visão simplificada do conteúdo das narrativas sem, no entanto, modificá-los, e mantendo a essência do discurso.

Cada categoria presente neste estudo foi construída a partir dos objetivos e embasada no referencial teórico estudado. Inicialmente, agruparam-se os elementos comuns das falas para, então, reorganizá-las em novas categorias que sintetizassem de forma mais precisa as manifestações culturais. Obtiveram-se, assim, categorias e subcategorias para a análise que nasceram das narrativas dos avós.

Realizada essa etapa, partiu-se para a análise dos resultados, visando ao entendimento do corpus no referencial teórico, a fim de compreender, de forma dinâmica, as categorias existentes. Com base nesta compreensão, foi possível responder às questões e atingir os objetivos propostos.

A análise de conteúdo possibilitou que as manifestações culturais presentes nas narrativas fossem analisadas, considerando os significados e as representações do discurso de forma dinâmica, entrecruzando áreas de conhecimento.

2.2 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS

2.2.1 Critérios para a escolha dos entrevistados.

A escolha da amostra foi orientada pela natureza e objetivos da pesquisa. A amostra foi intencional e conveniente e os sujeitos escolhidos representaram estratos heterogêneos da população. Os critérios para seleção da amostra foram de os indivíduos terem 60 anos ou mais, serem avós e terem convivido com seus avós, além de terem a capacidade de narrativa e residirem em Caxias do Sul. As variáveis utilizadas foram sexo e idade.

A distribuição das variáveis e a totalização dos participantes está descrita abaixo e representa os cruzamentos possíveis entre as variáveis idade e sexo.

Para satisfazer as duas variáveis consideradas, o número de entrevistados foi de 12 avós, seis homens e seis mulheres distribuídos igualmente na faixa etária. Dessa forma, há 3 homens na faixa de 60 a 79 anos e 3 homens na faixa acima de 80 anos. Foram entrevistadas também 3 mulheres de 60 a 79 anos e 3 mulheres na faixa etária acima de 80 anos. O tamanho da amostra indica a representatividade dos avós na cultura, assegurando os critérios de seleção dos mesmos.

2.2.2 Construção do corpus.

Para garantir a eficiência na significância da amostra, os sujeitos foram selecionados de acordo com os critérios estabelecidos, a fim de formar um corpus. “A construção de um corpus tipifica atributos desconhecidos, enquanto que a amostragem estatística aleatória descreve a distribuição de atributos já conhecidos no espaço social” (BAUER; GASKEL, 2002, p. 39).

Segundo Bauer e Gaskel (2002), deve-se considerar o corpus como uma coleção e agrupamento do material, previamente estabelecidos por um tema em que qualquer material simbólico pode fazer parte, desde que não se misture o tipo de material e mantenha uma das características do corpus que é a homogeneidade; textos, sons, imagens devem estar cada qual em um corpus determinado.

Para a construção do corpus foram respeitados os critérios definidos no estudo com objetivo de garantir a eficiência e a coerência científica. Além desses elementos, a estruturação do corpus levou em consideração a diversidade social, representada por avós de ambos os sexos e de diferentes idades com vistas a apreender valores, crenças, costumes da cultura em análise. A dimensão das narrativas reflete a tipificação dos vínculos entre avós e netos como representantes da cultura regional.

2.2.3 Técnica de pesquisa: entrevista narrativa.

Este estudo utilizou como técnica de coleta de dados a entrevista narrativa, difundida nas Ciências Sociais por valorizar o léxico do grupo social entrevistado, o que preserva a perspectiva de mundo do entrevistado, segundo as colocações de Bauer e Gaskel (2002).

Para esta escolha considerou-se que as narrativas são infinitas em variedade e permitem que toda experiência humana, em qualquer lugar, seja expressa por esse modo de comunicação. As narrativas expressaram uma cadeia de associações e explicações formando a história da vida dos entrevistados com seus avós e seus netos.

O contar histórias é uma forma elementar de comunicação. Nas narrativas, os idosos lembraram-se dos acontecimentos, ordenaram fatos e refletiram sobre estes. Houve explicações e entrelaçamento das memórias individual e coletiva. A memória ganha sentido ao passar pela linguagem e esta técnica enriqueceu ainda mais o estudo e proporcionou que os objetivos fossem atingidos.

Com a entrevista narrativa semi-estruturada, garantiu-se que os entrevistados contassem suas memórias de forma dinâmica. Ao fazerem reflexões e comparações entre passado e presente, os idosos trabalharam a memória individual e coletiva. Tal procedimento valorizou ainda mais o estudo memorialístico.

3 LITERATURA E MEMÓRIA

Neste estudo são privilegiadas memórias. Memórias narradas, buriladas pela linguagem e ressignificadas pelo presente. A relação entre memória e narrativa vem desde a Grécia antiga, de Homero, quando o poeta oral praticava sua atividade para a transmissão dos costumes, dos feitos dos heróis, dos valores para a formação dos jovens sob a inferência de Mnemosyne, deusa da memória e protetora dos poetas. Era através da poesia cantada ao longo de gerações que o grupo tinha acesso à memória e construía a identidade. (KENSKI, 1995).

Também na cultura letrada, a memória foi objeto de reflexão e um dos pontos da “condenação platônica da escrita”. Na linguagem escrita, não se fazia mais necessária às técnicas e treinos de memorização; os valores, ensinamentos e tudo o que antes era cantado passa agora pelo escritor, e tem-se a possibilidade de reinterpretar, de colocar algo mais. Em seus escritos, Platão questiona e desconfia da veracidade do que é escrito e alerta para a capacidade sedutora do escritor que relativiza a memória (GAGNEBIN, 1997).

Desde então, memória e narrativa são conceitos que se cruzam e se completam, foco de diversas reflexões e estudo. A relação entre narrar e lembrar está ligada à necessidade de contar o dia a dia, de fazer e desfazer as lembranças e, através do discurso, constituir-se enquanto sujeito (BRAGA, 2000-a).

Assim como o sujeito se organiza a partir da linguagem, a memória também se faz à medida que passa pelas mais variadas manifestações da linguagem. “A memória assim narrada assume seu caráter ficcional e é fonte inesgotável de produções e elaborações criadoras de artistas e poetas. Romances, poesias, filmes, pinturas [...] e tudo mais que a imaginação humana puder reproduzir: histórias” (KENSKI, 1995, p. 151).

Na obra literária, a memória ganha forma, é recontada e reconstruída, todavia não é somente a memória pura e a simples recordação que ali aparecem. A memória individual está entrelaçada à memória coletiva, expressa cultura, modos de ser, sentir, fazer. A memória de uma época, a representação da sociedade encontra-se na obra literária.

Sevcenko (2003) ressalta que se deve ter cuidado em preservar a riqueza estética do texto literário ao mesmo tempo em que se preserva a dimensão social da obra.

Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais? (SEVCENKO, 2003, p. 29).

A obra literária fala do homem e para o homem, e permite que, por seus personagens e enredo, o leitor identifique-se, repense suas idéias, reelabore acontecimentos e sentimentos. De acordo com Bellemin-Nöel (1983), a literatura é um produto do inconsciente e, por isso, “fala” ao leitor não só dos aspectos da sociedade que retrata, mas do sentimento que faz sentido ao próprio leitor - ao ler uma obra, o leitor se lê.

Sendo assim, a obra literária é um rico campo para se estudar a humanidade. As relações sociais, a família e os papéis nela assumidos são retratados também em obras, por isso estudar a literatura desvendando esses aspectos tem duplo valor: Compreendem-se aspectos da sociedade e do homem e cria-se outra forma de ler a obra, abrindo-se-lhe o campo da significação. Configura-se como

lugar ontológico privilegiado: lugar onde o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação (CÂNDIDO, 1998, p.48).

Cândido (1998) faz essas colocações a respeito da obra de ficção porém, independente de ser fictícia ou confessional, quando o texto prima pelo valor estético ele se abre, extrapola em significados, universalizando-se. É a questão da verossimilhança que só ocorre porque há a organização do material que permite a “ficção igual à vida” (p. 75).

Neste sentido, memória e literatura inauguram um espaço privilegiado de identificações e relações entre o sujeito que lê a obra e aquele que se lê através da memória coletiva da obra. “As narrativas – orais e escritas- constituem formas privilegiadas de apreendermos aspectos da constituição da memória coletiva e individual, da dinâmica social e discursiva, de quem somos” (BRAGA, 2000-b).

3.1 AS MEMÓRIAS NA LITERATURA

Memória e literatura encontram-se em diversos momentos: nos modos de produção e articulação da obra; ao marcar gêneros e estilos; nos trabalhos de ler, editar e traduzir; na prosa épica, contos, biografias, autobiografias, crônicas, etc.(BRAGA, 2000-b).

Lembranças são conteúdos para a criação e produção literária. Os gêneros confessionais – autobiografias, diários, memórias,... – levantam logo a questão da veracidade e do limite entre ficção e realidade.

Nesta questão, Remédios (1997) afirma que a autenticidade da narrativa se dá através do *pacto autobiográfico*, isto é, há correspondência na identidade de autor-narrador-personagem no texto, a veracidade não é garantida pelo uso da narrativa em primeira pessoa, pois há romances que se valem desta, mas não têm outros elementos de autobiografia como por exemplo, a linguagem e o tema. Para a realização de uma autobiografia, o autor deve:

recompor a unidade de sua vida através do tempo, revelando o auto-reconhecimento, devido à possibilidade de reconstituição e de decodificação dessa vida em sua globalidade. Assim, ao relatar sua história, o indivíduo chega a si mesmo, situa-se como é, na perspectiva do que foi (REMÉDIOS, 1997, p. 12).

Durante muito tempo, os gêneros confessionais foram considerados, na literatura, obras não-ficcionais e menores na literatura por trazerem elementos de biografia, todavia esta é uma visão simplista, pois não há literatura que não contenha elementos da realidade, nem obra confessional que não seja mediada pela imaginação (MACIEL, 2007).

Maciel (2007) afirma que a literatura confessional utiliza a primeira pessoa para contar histórias, acontecimentos, as quais podem tanto ser biográficas, verídicas, como não. O uso da primeira pessoa pode ser apenas recurso estético. Nas obras biográficas consideradas verídicas, não se deve esquecer que, antes de tudo, é um discurso produzido por seres humanos e, como tal, é entrecortado pela ficção, pelas inúmeras possibilidades de ressignificação da lembrança.

A autora completa ainda que, dentro da literatura confessional, as memórias são as que mais se aproximam da literatura ficcional justamente pelas características do lembrar e, mesmo ao escrever suas memórias, o escritor não perde de vista a arte, a estética, a finalidade literária do texto. Isso, exatamente, é que torna a obra universal, uma possibilidade de o escritor falar de sua história ao mesmo tempo em que fala da história de quem o lê.

Então, as memórias literárias expressam inúmeras vozes, “não passam só pela autoria, por aquele que lembra, mas pelo narrador que traz para o texto um somatório de experiências de linguagem; e estas experiências são sempre revigoradas por possibilidades líricas” (RAMOS, 2006).

Memória relaciona-se estreitamente com história. O que interessa ao estudo memorialístico, no entanto, não é a veracidade histórica, mas a verdade representada, o que a memória significa para determinado grupo. Da mesma forma é na literatura. As memórias constroem-se pela possibilidade de invenção, o escritor é um controlador, um manipulador da autoria e da estética. De qualquer forma, a literatura de memória é um gênero privilegiado que

independente de sua veracidade, representa de forma singular o trabalho da memória e o grupo que é contado no texto.

Cada texto pode ter uma estrutura temática original, às vezes mais ricos que as autobiografias, pois o diálogo com o presente atualiza o passado, permitindo a reconstrução da vida pela linguagem, quando as lembranças não são uma realidade, mas uma interpretação das coisas findas e do próprio destino pessoal (RAMOS, 2006).

Sendo assim, a literatura reforça-se como um lugar privilegiado de estudo da memória e evidencia o trabalho reflexivo desta em suas narrativas. Por isso, cabe ressaltar algumas obras em que o personagem - fictício ou autobiográfico - conta sua vida e sobre seus avós. É através da literatura que se apresenta a relação da memória, família e cultura regional nesta pesquisa.

Infância de Graciliano Ramos, *Menino de Engenho* de José Lins do Rego e *Solo de Clarineta* de Érico Veríssimo são as narrativas memorialísticas que representam, neste estudo, o trabalho da memória e a relação com a cultura. A escolha destes textos deve-se ao conteúdo das memórias, uma vez que todos, em algum momento, relembram os avós. A relação autor-narrador-personagem não foi, contudo, o fator determinante para a escolha tampouco se buscou a veracidade dos fatos narrados, que, como já foi destacado, não é o foco nos estudos da memória social.

Sobre esta questão da veracidade dos personagens, Antônio Cândido (1998) adverte que há personagens que refletem modos de ser e até fisicamente uma pessoa real, no entanto só se poderá decidir a respeito quando houver indicação do autor ou evidências documentais. Completa, ainda, que há um vasto modo de criação de personagens, entre eles quando há

personagem transposta com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência direta, - seja interior, seja exterior. O caso da experiência interior é o da personagem projetada, em que o escritor incorpora a sua vivência, os seus sentimentos, como ocorre no [...] *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego (CÂNDIDO, 1998, p. 71).

3.1.1 O contexto das obras.

A história da literatura brasileira aponta momentos decisivos na produção literária que coincidem com os momentos marcantes da sociedade. O ano de 1930, por exemplo, destacou-se pela tentativa de superar as contradições da República Velha cujos sentimentos diante desta contradição manifestaram-se especialmente nas artes. É inegável que esse período teve

influências da Semana de Arte Moderna de 1922, “reconhecer o novo sistema cultural posterior a 30 não resulta em cortar as linhas que articulam a sua literatura com o Modernismo. Significa apenas ver novas configurações históricas a exigirem novas experiências artísticas” (Bosi, 1999, p. 385).

Em face de diversos acontecimentos sociais no cenário brasileiro e mundial (crise cafeeira, Revolução, declínio nordestino, guerra fria, etc), a arte se faz voz deste contexto e a produção literária ganha força. As décadas de 30 e 40, segundo Bosi (1999), são a “era do romance”, gênero que, na época, faz uma crítica social, que denuncia as mazelas do povo através da aceitação das falas típicas das regiões, do espaço social e territorial brasileiro seja pela via do regionalismo, seja pelo romance psicológico (BOSI, 1999; CHAVES, 2001; COUTINHO, 1988).

Dentro da tentativa de fazer uma classificação da ficção modernista em regionalista ou psicológica e de costumes, Coutinho (2001) ressalta que, com frequência, há autores que misturam tendências dos dois grupos. Os romances da corrente social e territorial revelam o predomínio do quadro social sobre o homem seja este rural ou urbano, usando técnica documental e realista. Esta corrente modernista mostra os problemas geográficos e sociais da seca, do cangaço, dos pampas, dos latifúndios, etc (BOSI, 1999; COUTINHO, 2001).

Segundo Coutinho (2001), dentro dos romances sociais tem-se o grupo do “documentário regionalista, também neo-realista, neo-regionalista” (p. 276) de José Lins do Rego e Graciliano Ramos e do “documentário urbano-realista” (p. 276) de Érico Veríssimo.

José Lins do Rego lança-se como escritor com o livro *Menino de Engenho*. Nesta obra o menino Carlinhos relembra sua vida dos 4 aos 12 anos, passados no engenho de cana-de-açúcar do avô. As lembranças remontam acontecimentos, experiências, pessoas e sentimentos presentes no processo de crescimentos do menino. Em meio as lembranças, presentifica-se o cenário nordestino da época, os costumes e os modos de ser do povo. É, na literatura, o ciclo da cana-de-açúcar.

Segundo estudos críticos, os personagens de *Menino de Engenho* mantêm a linguagem coloquial, o que reforça a memória regional e marca o estilo espontâneo de José Lins do Rego. Inicialmente, a intenção do autor era escrever sobre a vida de seu avô, todavia gerou um romance baseado nas memórias de sua vida. Mesmo que os acontecimentos e personagens tenham viés autobiográfico, isto não exige que se identifique os personagens com as pessoas reais para que se compreenda a história (CASTELLO, 1961; BOSI, 1999; EFFTING, 2006).

No exercício de lembrar, a história de vida do menino vai se revelando. A memória permite-lhe reavaliar o passado e contá-lo a partir do presente. Na narrativa, são rememorados

momentos difíceis como a morte da mãe, a condição insana do pai, a convivência com parentes, amigos e empregados. “Não são memórias e observações de um menino qualquer, mas de um *menino de engenho*, feito à imagem e semelhança de um mundo que, prestes a desagregar-se, conjura todas as forças de resistência emotiva e fecha-se na autofruição de um tempo sem amanhã” (BOSI, 1999, p. 399).

Assim, perpassa pela memória de Carlos fatos cruéis como a internação do pai em um sanatório após este ter assassinado a esposa e a mudança do menino para a casa do avô materno dono de um engenho de cana-de-açúcar. É neste engenho que ele vive até os 12 anos, quando é transferido para um colégio interno. No tempo em que viveu no engenho, Carlinhos cresce enturmado não só a tios e primos, e também aos empregados; cria-se “solto”; recebe valores, informações, entra em contato com os modos de ser daquela cultura.

O romance representa com riqueza os tipos da região açucareira do nordeste, os hábitos, o contato dos meninos da casa grande e da bagaceira, as relações de autoridade, o contato e exploração da terra (CASTELLO, 1961; COUTINHO, 1988).

De manhã me levaram para tomar leite ao pé da vaca. Era um leite de espuma, ainda morno da quentura materna. O meu avô andava vestido num grande grosso sobretudo de lã, falando com uns, dando ordens a outros. Uma névoa como fumaça cobria os matos que ficavam nos altos. Os moleques das minhas brincadeiras da tarde, todos ocupados, uns levando latas de leite, outros metidos com os pastoreadores no curral. Tudo aquilo para mim era uma delícia – o gado, o leite de espuma morna, o frio das cinco horas da manhã, a figura alta e solene de meu avô (REGO, 1998, p. 7-8).

Nas lembranças, fala de secas e enchentes, de mentiras e justiças, da lei dura do sertão e dos saberes populares. O avô aparece como aquele que representa a cultura do engenho, quem dá o nome, quem manda, quem determina e que tem a sabedoria. O avô de Carlinhos, José Paulino, é o coronel dono do engenho e assume a função de mediador entre o menino e mundo que se abre para ele. Essas vivências não estão situadas precisamente no tempo cronológico, mas no tempo da cultura e da subjetividade.

Quando chegamos em casa o café estava pronto. Na grande sala de jantar estendia-se uma mesa comprida, com muita gente sentada para a refeição. O meu avô ficava do lado direito e a minha tia Maria na cabeceira. Tudo o que era para se comer estava à vista: cusuz, milho cozido, angu, macaxeira, requeijão. Não era, porém, somente a gente da família que ali se via. Outros homens, de aspecto humilde, ficavam na outra extremidade, comendo calados (REGO, 1998, p. 8).

É preciso salientar que o enquadre social é fundamental para se compreender a vida do narrador, as diferenças sociais e econômicas no engenho, as influências da natureza na

organização da vida além de inúmeros aspectos que possibilitam a memória. O cenário social, certamente, influencia o tipo humano e impõe os modos de ser naquela região.

“Afirma-se, em última análise, o valor incontestavelmente humano e nacional do ciclo criado por José Lins do Rego, fusão do regional com o universal, dentro da atitude crítica que orientava a tendência regionalista do nosso movimento modernista” (CASTELLO, 1961, p. 139).

Seguindo também a crítica social através de revelações da vida nordestina tem-se o autor Graciliano Ramos que, diferente do autor anterior, coloca cada obra como uma ruptura na relação sofrida e opressora entre o eu e a sociedade. O realismo de Ramos é crítico e intrigante (BOSI, 1999).

Em *Infância* de **Graciliano Ramos**, as lembranças também são dimensionadas na cena nordestina. O autor narra sua vida dos tempos de menino até a adolescência e, em meio a sua história, faz questionamentos sobre a memória. Circulam nessas lembranças parentes, amigos, lugares, sentimentos impostos e sentimentos construídos na dura vida na seca nordestina. As lembranças dos avós são momentos ímpares de identificação e ressignificação. Como neste excerto em que lembra do avô paterno:

Tinha habilidade notável e muita paciência. Paciência? Acho agora que não é paciência. É uma obstinação concentrada, um longo sossego que os fatos exteriores não perturbam. Os sentidos esmorecem, o corpo se imobiliza e curva, toda a vida se fixa em alguns pontos – no olho que brilha e se apaga, na mão que solta o cigarro e continua a tarefa, nos beijos que murmuram palavras imperceptíveis e descontentes. Sentimos desânimo ou irritação, mas isto apenas se revela pela tremura dos dedos, pelas rugas que se cavam. Na aparência estamos tranquilos (RAMOS, 2003, p. 23).

Os relatos que formam esta obra abordam os acontecimentos familiares e pessoais, como as mudanças de cidade, o difícil aprendizado da leitura e da escrita, e trazem sempre uma marcante descrição e reflexão sobre os modos de ser com que o narrador entra em contato. Há um capítulo do livro dedicado ao avô materno e o período em que mais conviveram e em que “abandonavam-me aos caprichos de meu avô” (RAMOS, 2003, p. 136).

Segundo Antônio Cândido (1961) esta obra

conserva tonalidade fictícia, e é composto num revestimento poético da realidade, que despersonaliza dalgum (*sic*) modo o depoimento e o mergulha na fluidez da evocação infantil. Um dos aspectos mais belos é a progressiva descoberta do mundo, - das pessoas, das coisas, do bem e do mal, da liberdade peiada e da tirania da convenção, às quais se choca, ou se adapta, a tenra haste da infância (p. 15-16).

Ao mesmo tempo em que o leitor conhece os acontecimentos da vida do menino narrador, um quadro social se desenha a partir das descrições e reflexões. Os modos de fazer, o sofrimento imposto pela seca, as roupas, as comidas, os valores e hábitos se apresentam à apreciação do leitor, enquanto são avaliados pelo narrador. Nesta obra, o processo de reconstrução dos significados da memória fica ainda mais claro a partir dos questionamentos do autor:

Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma (RAMOS, 2003, p. 9).

Ao analisar a postura do autor, Coutinho (2001) afirma que Graciliano Ramos não traçava limites entre a ficção e a biografia, pois não acreditava em um forma puramente não-ficcional e afirma, a respeito de *Infância*: “Embora se proponha a escrever um depoimento pessoal, não consegue separá-lo da representação ficcional que ora se intromete no retrato de pessoas conhecidas, ora na escolha do material memorialístico, ora na própria narração dos fatos” (p. 407).

Em seu estudo sobre a obra, Vliese (2000) fala da relação desta com a teoria da memória social: “seu livro nos permite observar que no ato de rememorar a infância, o narrador evocou uma heterogeneidade de vozes que constituíram suas lembranças e fizeram com que mergulhasse nas raízes de sua existência, nas histórias vividas por aquelas pessoas”.

São essas vozes reveladas na memória que falam dos aspectos coletivos da cultura e evidenciam os modos de ser de então. Nas obras destacadas nesta pesquisa, as lembranças individuais são contextualizadas pelos elementos coletivos. É a memória coletiva, a memória do grupo que, ao mesmo tempo em que deixa transparecer a cultura, é a própria cultura.

Além dessas ligações entre memória, cultura e coletividade, as características da memória são também representadas e mesmo discutidas na obra de **Érico Verissimo** – *Solo de Clarineta*, primeiro volume.

Seguindo a classificação da literatura brasileira apresentada anteriormente, Érico Verissimo é um modernista que, na ficção de 30 faz um documentário urbano-social. (BOSI, 1999; COUTINHO, 2001). Cabe, porém, uma ressalva: cronologicamente, Verissimo precede todos os romances deste “grupo” da década de 30 e ainda, para melhor entendê-lo, deve-se contextualizá-lo no movimento literário no Rio Grande do Sul onde o modernismo não se

configurou tão polêmico. É o regionalismo de Érico que pouco se vincula ao regionalismo dos autores já apresentados (CHAVES, 2001).

“Por canalizar a observação da sociedade para uma temática própria, alcançando ordená-la numa estrutura literária, Érico Verissimo renovou a ficção brasileira urbana deste século acima do regionalismo” (CHAVES, 2001, p. 52).

Dentre a bibliografia do autor, *Solo de Clarineta* - vol 1- é um livro de memórias lançado em 1973. Segundo Remédios (1997), esta obra tem feições explícitas de autobiografia, pois o autor-narrador tem uma dinâmica limitada pelo compromisso com a veracidade, refere fatos e datas que se relacionam a sua vida pessoal e segue uma seqüência cronológica.

Nessa obra, Érico Verissimo relata a história de sua família, fala sobre parentes, amigos, acontecimentos da infância e da vida adulta, e fatos que lhe foram contados. O escritor narra suas lembranças ao mesmo tempo em que questiona, avalia, relativiza o que lembra e lhe atribui valor de acordo com seu lugar presente.

Afinal de contas, a memória de um velho está cheia de labirintos, de falsos sinais de trânsito, de vácuos e, por assim dizer, de silêncios temporais e espaciais, isso para não falar em miragens...*(sic)* Escrever memórias numa ordem rigorosamente cronológica seria uma tarefa difícil, perigosa e possivelmente monótona. De resto, o tempo do calendário e o do relógio pouco e às vezes nada tem a ver com o tempo de nosso espírito (VERISSIMO, 1994, p. 51).

O primeiro capítulo dessas memórias, em *Solo de Clarineta*, relembra temas familiares, as origens das famílias materna e paterna, o casamento dos pais; rememora parentes e episódios interessantes que envolvem familiares. Cada fato ou pessoa que surge à lembrança são privilegiados de comentários sobre si e sobre a lembrança propriamente dita. Narra a vida em família, o trabalho dos pais, a farmácia, a separação dos pais, os amigos, escolas, casamento, mortes, o processo de criação dos livros, empregos, viagens etc.

De uma maneira singular, o autor revela sua arte de relembrar, os pontos de referência que utiliza, o conhecimento que infere na lembrança propiciando uma reavaliação: “Agora, porém, passados quase quinze anos, eu reexaminava a uma nova luz aquele episódio esquecido cujo sentido mais profundo comecei a perceber” (VERISSIMO, 1994, p. 290-291).

Os avós presentes no texto de Érico Verissimo são descritos minuciosamente e revelam a influencia destes na transmissão cultural. A relação entre as lembranças dos avós e a cultura será abordada, neste estudo, em momento posterior e oportuno.

Em *Solo de Clarineta*, ao relembrar o processo de criação de suas obras, Érico Veríssimo tece considerações a respeito da criação dos personagens e da influência da memória na verossimilhança com a realidade. Afirma que o ficcionista cria em cima de elementos reais: “Nada do que nos vem à mente é gratuito. Não é possível nem creio que seja aconselhável tentar criar do nada, esquecer as nossas vivências, obliterar a memória” (VERISSIMO, 1994, p. 293).

As obras contempladas nesta pesquisa representam de forma especial os elementos característicos da memória e do rememorar, além de trazerem lembranças sobre o vínculo com os avós e destacarem estes como transmissores da cultura regional.

3.2 A LITERATURA NO ESTUDO DA MEMÓRIA SOBRE OS AVÓS

Sem dúvida, a memória tem, na literatura, um espaço privilegiado para se manifestar. Pode-se chamar a literatura como um “lugar de memória”, utilizando-se a expressão difundida por Pierre Nora. Segundo Enders (1993), essa expressão relaciona-se ora com o objeto, ora com o método, ora com a memória em si ou com o trabalho do historiador, Nora não estabelece um conceito exato, dentro dessa idéia. No presente estudo, a literatura pode ser considerada um lugar de memória, pois nos textos encontram-se o processo e os conteúdos da memória, além de a obra relacionar-se com a memória de cada um dos sujeitos que a lê.

É inegável que a literatura representa a dinâmica da memória e a dinâmica da vida; é meio pelo qual o ser humano se faz, fala de si e de sua cultura. Por esta razão, buscou-se, inicialmente, estudar as manifestações culturais no vínculo entre avós e netos através da literatura, porém os estudos preliminares revelaram um espaço quase inexistente para a voz do personagem idoso.

Na literatura, a memória sobre os avós foi encontrada nas narrativas dos personagens adultos sobre sua infância, o que não contempla os objetivos deste trabalho que é estudar a memória sobre os avós a partir das lembranças de idosos-avós.

A teoria que embasa esta pesquisa considera a dimensão social da memória e acredita na dinâmica e na constante transformação dos seres humanos, dessa forma o indivíduo está em constante evolução e o que pensa e lembra hoje já não é igual ao que pensou e lembrou anteriormente.

A memória não se cristaliza, ela acompanha o movimento do indivíduo, das massas e da cultura ao qual o indivíduo se relaciona. Através da linguagem, o indivíduo se revela. Revela sua memória e diz. Mas o que diz de suas lembranças, no entanto,

não é sempre o mesmo. Na recuperação da memória por meio da língua, da fala e da escrita, o sujeito conta uma história. Uma história cheia de memórias, mas cheia também de revisões, de recuperações, de construções atuais daquilo que foi passado (KENSKI, 1995, p. 150).

Para a teoria da memória coletiva há substancial diferença entre relatar o hoje e lembrar-se do passado. O “lembrar-se de” é decisivo no estudo da memória, pois, segundo Halbwachs (2004), aquele que lembra, o faz de acordo com sua perspectiva atual, considerando suas vivências, seus conhecimentos e seus sentimentos. Logo, a lembrança da infância ganha representações diferentes ao serem evocadas na idade adulta e na velhice.

Nas três obras evocadas neste estudo, encontram-se lembranças sobre os avós as quais falam da importância dos avós na transmissão cultural. Quem lembra, todavia, é um adulto que não se coloca enquanto avô ou avó, nem narra a relação com seus netos e, por esta razão, não preenche os requisitos do corpus.

Sendo assim, as obras selecionadas e citadas anteriormente não constituem o corpus de estudo, contudo se apresentam como mediadores entre a teoria apresentada e o discurso dos entrevistados. São excertos literários que representam o trabalho da memória enquanto memória coletiva e enquanto cultura.

Não será realizada uma análise, nem crítica literária. O que este estudo propõe é, em um primeiro momento, mostrar a memória e suas características nas obras selecionadas, evidenciando os aspectos da cultura e a importância das relações familiares na formação da memória.

Ao se falar especificamente sobre os lugares da memória, no capítulo cinco, as obras literárias são inseridas nas reflexões, representando a formação da memória na família e a inserção do indivíduo nas correntes de pensamento dos grupos. As memórias literárias permitem, também, uma compreensão ainda maior ao se abordar a relação entre memória, cultura e região, além de se relacionar dialeticamente com a teoria a respeito da função social dos idosos enquanto memória do grupo.

Em um segundo momento, quando da análise das categorias obtidas através da análise de conteúdo das entrevistas, as memórias dos narradores sobre seus avós dialogam com as memórias dos idosos sobre os avós e da memória dos idosos sobre os netos. Neste jogo dialético de memórias, é possível compreender a transmissão cultural no vínculo entre avós e netos.

4 A MEMÓRIA

Estudar a memória é estudar a cultura e a história vivida de cada sujeito e de seus grupos. Quando se entende que a memória de um indivíduo é também a memória de sua região e dos grupos de que faz parte, considera-se a memória como uma construção coletiva. Isso não significa, porém, que todas as pessoas da região ou do grupo tenham a mesma lembrança, mas que cada um tem sua memória individual que é parte da memória coletiva.

Para Maurice Halbwachs (2004), a memória é uma reconstrução do passado que tem como referência primordial os quadros sociais com os quais a lembrança se relaciona e que é possível, a partir deles, entender os diversos aspectos da memória. Para o autor, a memória é sempre coletiva e diretamente relacionada aos grupos dos quais o indivíduo participa. Essa relação se dá desde a formação da memória na criança e influencia na capacidade tanto de lembrar como de esquecer.

Por ter relação contínua e fundamental com o social, os conteúdos da memória são armazenados de acordo com as correntes de pensamento dos grupos e com os aspectos individuais e são lembrados de acordo com as situações atuais do indivíduo. Dessa forma, lembrar é sempre uma reconstrução, uma ressignificação, na medida em que se faz a partir das referências contemporâneas.

De acordo com Halbwachs (2004), tudo o que a pessoa percebe e armazena na memória apóia-se em suas lembranças e também nas lembranças dos outros, isto é, mesmo quando está só, o indivíduo traz referências construídas a partir do social e com o social. Além disso, há, entre o que está na memória e o que é adicionado a ela, uma constante confrontação. “Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais” (Halbwachs, 2004, p. 29).

Quanto à formação, o autor considera que a memória é formada a partir do momento em que a criança deixa a vida puramente instintiva e passa a fazer registros dos significados atribuídos pelos outros, pelo grupo de convívio que inicialmente é o familiar, e, com isso, insere-se na corrente de pensamento deste grupo. Quando os acontecimentos começam a adquirir sentido de acordo com um grupo, a memória se forma no indivíduo que tem duas maneiras de organizar essas impressões, ora como memória individual e de acordo com seu ponto de vista, ora como lembranças que se distribuem no interior de um grupo e tomam lugar junto a tantas outras imagens parciais na memória coletiva.

A memória coletiva é a memória do grupo: é uma corrente de pensamento contínuo compartilhado pelos seus membros e limitada no tempo e no espaço. A memória coletiva só existe enquanto existe a corrente de pensamento, isto é, enquanto existe o grupo. Esta existência não está ligada ao convívio físico de seus participantes, mas pelos significados e pelas representações em comum.

A memória coletiva não é uma só, há tantas memórias coletivas quantos são os grupos de que o indivíduo participa. Assim, todas essas correntes de pensamento estão presentes na consciência e servem de base para a memória individual. Convém frisar que essas duas memórias se interpenetram: a individual utiliza-se da coletiva para se completar enquanto a coletiva envolve as memórias individuais sem, contudo, se confundir com elas. Cada uma segue seu próprio curso.

Como a existência da memória coletiva depende dos grupos sociais, seu surgimento e desaparecimento não é possível de ser determinado precisamente, pois está em contínua transformação assim como ocorre com o grupo. As transformações nos grupos e, conseqüentemente, na memória são, por vezes, superficiais e permitem que a essência do grupo se mantenha e este nem percebe as transformações ocorridas. Por outro lado, essas mudanças podem ser tão significativas a ponto de não ser possível para o grupo continuar se vendo de forma análoga como, por exemplo, a ocorrência de casamentos, mortes, nascimentos ou mudanças de cidade, que modificam o pensamento do grupo e o próprio grupo. Alguns aspectos da corrente de pensamento antiga se mantêm, outros se modificam, surgindo novos grupos e novas memórias coletivas.

Assim como não é preciso determinar o surgimento nem o desaparecimento de um grupo, também não são precisos os limites entre passado e presente, pois é retido do passado somente o que ainda está vivo na consciência do grupo e “quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que se sucedem” (Halbwachs, 2004, p. 87).

Da mesma forma, basta encontrar vestígio da corrente de pensamento, do corpo social, para se ver que a memória coletiva ainda está ali. Exemplifique-se o caso de antigos colegas de escola que, mesmo jamais tendo se reencontrado, conservam a lembrança dos acontecimentos. Nesta situação, a corrente de pensamento manteve-se na medida em que foi compartilhada com outros grupos; para outros, no entanto, não há mais lembrança, pois, mesmo ouvindo histórias da época, não conseguem remontar um quadro, uma vez que não conservaram a corrente de pensamento.

A memória individual é a segunda possibilidade de registro dos acontecimentos e das impressões, nunca está isolada, pois suas referências estão no social, no depoimento dos outros e, principalmente, nas correntes de pensamento que o indivíduo compartilha. “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 2004, p. 55).

Os aspectos pessoais que irão diferenciar as memórias individuais estão ligados às reações pessoais frente a determinados acontecimentos, aos pensamentos e sentimentos que fazem com que o indivíduo lembre-se de determinados aspectos, de acordo com suas preocupações e interesses. A impressão que a pessoa tem de um fato é influenciada pela vida intelectual e afetiva que se projeta sobre o quadro social e temporal em que este se desenrola. Este estado individual de consciência é chamado por Halbwachs (2004) de *intuição sensível* e faz com que duas pessoas não tenham a mesma lembrança de um mesmo acontecimento.

Mesmo que a memória individual seja influenciada por aspectos particulares que ajudam na “seleção” do que será armazenado e lembrado, para explicar essa diversidade de lembranças é necessário voltar-se para as influências do social. Primeiramente as palavras, idéias e representações necessárias para a memória são originárias do meio, depois o que é percebido, armazenado e lembrado tem relação com as referências sociais e com as correntes de pensamento. Além disso, o social aparece intervindo na memória individual quando o outro, seja ele grupo ou outra pessoa, serve de base para completar e esclarecer a memória do indivíduo.

Outra pessoa pode servir de referência quando o indivíduo completa suas lembranças com as lembranças dele, isso só ocorre se eles compartilharem a mesma corrente de pensamento; todavia, se alguém lhe contar algo que faça referência a algum acontecimento de que não tenha qualquer registro e este lhe pareça inteiramente estranho, o indivíduo não será capaz de construir a lembrança. Por outro lado, mesmo que existam traços comuns à memória do indivíduo e ao acontecimento narrado, não quer dizer que a lembrança é substituída, mas indica que o indivíduo e o narrador compartilham o mesmo grupo.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança de que nos recordamos possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (HALBWACHS, 2004, p. 38).

A memória individual pode ser completada tanto pela memória individual de outra pessoa quanto pela memória coletiva, porém, em nenhum dos dois casos, elas se confundem. Cada memória está fixada na consciência individual e é reconstruída de acordo com referências atuais, contudo estas não as confundem.

A influência do grupo e da memória coletiva são, no entanto, mais complexas e sutis. O grupo social exerce em seus membros certa persuasão e isso faz com que, muitas vezes, o indivíduo tenha determinada idéia ou reflexão como sua, e que, na verdade, é do grupo. Além dessa influência nas idéias e reflexões, as lembranças e representações mais facilmente lembradas são as que pertencem ao grupo, as que são compartilhadas por seus membros. Os acontecimentos mais facilmente lembrados da vida pessoal são os partilhados pelo grupo mais próximo; já as lembranças mais individuais, mais íntimas, são as mais difíceis de serem evocadas, pois são as lembradas com menos frequência e/ou se relacionam com os grupos mais distantes.

A importância atribuída ao social que embasa toda a teoria da memória coletiva é fruto da escola francesa de sociologia e das influências de Durkheim. Em seu entendimento sobre a sociedade, Durkheim destaca que os fenômenos que regem o social são construções coletivas e é nestas que se deveria buscar explicações para os fatos sociais que nada mais são que maneiras de pensar, agir e sentir que existem independente das consciências individuais e com o qual o indivíduo tem contato através da educação. Tudo isso é imposto aos indivíduos e exerce sobre eles coerção, seu poder é reconhecível pela resistência que se apresentará, caso o indivíduo queira ir contra o determinado pelo social.

É fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter (DURKHEIM, 1978, p. 52).

Existem, pois, fatos sociais inerentes à ordem fisiológica da sociedade que são as manifestações vitais dela que tem mais fluidez e são menos fixas - é o caso das maneiras de agir. Por outro lado, há os fatos sociais mais consolidados que são da ordem da morfologia social, da estrutura - e que são os modos de ser. De qualquer forma, os fatos sociais das duas ordens exercem coação, são imperativos e influenciam os membros da sociedade. É o grau de fixidez que as difere “pois tais maneiras de ser não passam de maneiras de agir consolidadas” (DURKHEIM, 1978, p. 51).

Uma das formas de expressar o fato social é através das representações e estas “correspondem à maneira pela qual esse ser especial que é a sociedade pensa sobre as coisas de sua própria experiência” (DURKHEIM, 1978, p.175).

As representações tanto são construídas pela cooperação ao longo do tempo e do espaço, como no passar de gerações. A forma como a sociedade irá entender a si mesma através das lendas, mitos, concepções religiosas, etc, depende de sua morfologia, de suas instituições. Há representações coletivas e representações individuais. As primeiras são mais estáveis e influenciam as representações individuais e somente acontecimentos muito graves afetam as bases da sociedade. Ademais, os conceitos de que o indivíduo vale-se para construir suas representações individuais são, antes de tudo, construções coletivas como, por exemplo, os diversos elementos da linguagem que nada mais são que construções sociais (DURKHEIM, 1978; QUINTANEIRO [et al.] 2002).

Essas concepções estão na base da idéia de memória coletiva de Halbwachs, na medida em que as construções coletivas estão na base das construções individuais. É, também, através da memória, que o indivíduo tem contato com os modos de ser, pensar, sentir e agir de seu grupo. Os memorialistas sociais destacam que as idéias compartilhadas pelos grupos são resultados de forças sociais e históricas e são “fatos sociais”. “Afirmamos que também a memória é um fato social... um tipo especial de fato social, pois a memória só em parte é social” (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 20).

Além da forte influência de Durkheim, Maurice Halbwachs (2004) desenvolveu sua concepção de memória indo de encontro a alguns conceitos das teorias memorialistas vigentes até o momento, em especial a teoria de Bergson. Henri Bergson, afirma que o passado conserva-se na memória sem modificações e, para evocar uma lembrança, o indivíduo deve ser capaz de sonhar, de evocar o inútil, para só então separar o passado do presente. Sem essa condição de sonhador a memória será vinculada à percepção do presente.¹

Bergson (1999) destaca um ponto importante ao relacionar a memória com a capacidade perceptiva do sujeito. Quanto mais o sujeito puder operar, manipular o objeto, o fenômeno, melhor irá percebê-lo; porém, a soma dessas percepções não irá jamais reconstruir a totalidade do fenômeno. A percepção sofre influência daquilo que já foi percebido, vivido e

¹ “No próprio animal, vagas imagens do passado ultrapassam talvez a percepção presente; é concebível inclusive que seu passado inteiro esteja virtualmente desenhado em sua consciência; mas esse passado não o interessa o bastante para separá-lo do presente que o fascina, e seu reconhecimento deve ser antes vivido do que pensado. Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo” (BERGSON, 1999, p.89-90).

que está na memória. “Perceber acaba sendo mais uma ocasião de lembrar” (BERGSON, 1999, p.69).

Considerando as diferenças na natureza do estudo, esses dois autores são condizentes em afirmar que a memória é influenciada por aspectos do indivíduo, seja no momento em que percebe o objeto com base em seus conhecimentos, como na teoria de Bergson, seja com a influência do indivíduo ao armazenar o que condiz com suas preocupações e correntes de pensamento de que participa e relembrar o passado, reconstruindo-o de acordo com o seu presente, como na teoria da memória coletiva de Halbwachs.

Dessa forma, Bergson (1999) destaca que a memória embasa as situações análogas pelas quais o indivíduo passa, uma vez que ela contrai múltiplos momentos e recobre a percepção formando uma consciência individual, o lado subjetivo do conhecimento. Ao se ter memória, tem-se conhecimento subjetivo dos fatos que influenciam a percepção posterior que fazem alguma alusão ao já vivido.

Bergson (1999) fala da memória hábito, que é apenas uma repetição automática de algo aprendido e está no plano da ação. É, por exemplo, a tabuada aprendida na escola, ou os movimentos para dirigir um carro, ou escovar os dentes. A memória desses fatos é automática e engloba um fluxo temporal inteiro, sem que a pessoa evoque a lembrança de primeiro aprender tal movimento, depois outro, até aprender, como exemplo, a dirigir. A memória hábito modifica-se conforme é aperfeiçoada.

Já para os memorialistas sociais como Halbwachs, memória e conhecimento se relacionam porque com este, as informações adquiridas acompanham o indivíduo em suas vivências. Ao visitar um museu ou ver um monumento, por exemplo, lembra-se de tudo o que já se conheceu ou se ouviu falar sobre eles e tem-se, portanto, um registro social, uma ligação com uma corrente de pensamento.

Fazendo uma revisão sobre a relação de memória e conhecimento, Fentress e Wickham (1992) dispõem que a memória é uma experiência subjetiva e que engloba tantos conhecimentos pessoais ligados aos sentimentos quanto retém informações. A memória relacionada com as experiências de vida e com o social “representa o passado e o presente ligados entre si e coerentes, nesse sentido, um com o outro” (1992, p. 39).

A coerência entre passado e presente, contudo, nem sempre garante a veracidade do fato lembrado. Convém reafirmar que para os estudos de memória coletiva, a lembrança é uma reconstrução do passado no presente. Por vezes é possível confrontar um fato lembrado com fontes documentais, outras vezes não. O que é relevante para o estudo da memória coletiva não é o pesquisador considerar a lembrança historicamente verdadeira, mas o grupo

considerar verdadeiras as suas memórias. Partindo desse princípio que relativiza a veracidade da memória, esta é fonte de conhecimento, pois fornece ao grupo matéria para reflexão consciente. “Isso significa que devemos situar os grupos em relação as suas próprias tradições, descobrindo como interpretam os seus próprios ‘fantasmas’ e como os utilizam como fonte de conhecimento” (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p.42).

Por conseguinte, se a veracidade da memória é relativa, deve-se atentar para as diferenças e semelhanças entre as memórias e a história. Devido às modificações e influências que os aspectos individuais e os significados dos grupos têm sobre a veracidade do fato, não é possível fazer a transposição direta da memória como história. Segundo Halbwachs (2004), tanto a memória coletiva como a história se distinguem, primeiramente, no aspecto da continuidade. Na memória coletiva há o pensamento contínuo, que retém do passado o que está vivo na consciência do grupo, e, no caso da história, essa continuidade não existe. Na história, os acontecimentos são divididos em períodos, em datas e em épocas fixas, considerando cada período como um todo. Para o historiador, há passado e presente, ao passo que na memória coletiva, o presente não se opõe ao passado porque este não existe mais. Passado e presente aparecem como vizinhos contínuos.

Há muitas memórias coletivas, no entanto a história é única. Pode-se distinguir, então, duas histórias: a aprendida, construída pela necessidade de escrever o passado de um grupo que não existe mais; é aquela ensinada na escola. E a vivida, presente na memória coletiva, em que a memória individual apóia-se.

“A história não é todo passado, mas também não tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua e se renova, através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência” (HALBWACHS, 2004, p. 71).

Em se falando sobre memória e história, Le Goff (1996) afirma que existem, pelo menos, duas histórias: a da memória coletiva que é mítica, deformada, anacrônica e que constitui o vivido entre o passado e o presente e a história dos historiadores que é a história oficial. Esta pode em alguns momentos corrigir, e auxiliar a história da memória coletiva. O autor completa dizendo: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1996, p.477).

Assim, memória coletiva e história não são opostas nem idênticas. Ambas são condições paralelas de acontecimentos e que, por momentos, se encontram para que a história reafirme e complete a memória coletiva. Quanto à diferença mais marcante, pode-se considerar a continuidade dos fatos, uma vez que a história é separada em tempos, épocas e marcada por datas, enquanto que o tempo, na memória coletiva, não é necessariamente orientado pelo tempo cronológico nem pelas datas. O tempo e a localização dos acontecimentos da memória coletiva seguem a corrente do pensamento, contínua e marcada pela significação.

Ecléa Bosi (1994), ao analisar as memórias de velhos, ressalta o quanto a história vivida é desvalorizada, tendo tão somente a história oficial. Os idosos são testemunhas de acontecimentos históricos que se confundem com a memória da família, com a memória individual, recebendo o viés da ideologia do grupo. “Há um modo de viver os fatos da história, um modo de sofrê-los na carne que os torna indelévels e os mistura com o cotidiano, a tal ponto que já não seria fácil distinguir a memória histórica da memória familiar e pessoal” (p. 464).

A memória coletiva, então, não está preocupada em só reter os fatos históricos, mas em dar significado à história vivida pelos integrantes do grupo. É justamente esta que se mantém na consciência do grupo que servirá de base para a memória coletiva. O grupo visa à perpetuar sua forma de sentir, seus pensamentos e as imagens que os formam e é nesse sentido que cada grupo conta sua própria história, os acontecimentos e sentimentos análogos tanto que os identificam quanto os diferenciam dos demais.

No grupo, em sua memória coletiva, é possível encontrar traços do passado que perpassam gerações e fazem com que lhe seja mantida não apenas uma identidade, mas também os modos de ser e de fazer, mesmo que de forma inconsciente. Isso tudo é inerente ao grupo e aproxima gerações. “Não somente os fatos, mas as maneiras de ser e de pensar de outrora que se fixam assim dentro de sua memória” (Halbwachs, 2004, p. 70).

Fixados na memória e como aspectos fundamentais para o grupo como também para a conservação da própria memória, estão o tempo e o espaço. Uma memória coletiva é diferenciada das outras memórias coletivas porque é limitada pelo tempo e espaço do grupo ao qual está vinculada. Da mesma forma as memórias individuais não se confundem porque estão marcadas pelo lugar ocupado pelo indivíduo em determinado tempo.

Ao abordar a questão do tempo, Halbwachs (2004) refere-se às representações coletivas e afirma que existe uma representação coletiva do tempo, fazendo referência às idéias de Durkheim, e que esta representação é necessária à vida em sociedade. Tal

representação é condizente com os fenômenos astronômicos e físicos da Terra que, mesmo sendo naturais, acabam por serem encobertos pela divisão social do tempo. Nas sociedades, as pessoas são “forçadas” a medir os acontecimentos de acordo com as convenções sociais em detrimento dos fenômenos naturais.

A representação convencional do tempo se faz necessária para a organização da sociedade porque é difícil outra forma de referência que fale a todos os indivíduos da mesma forma, visto que as percepções humanas sofrem influências subjetivas e sociais de forma muito particular a cada um.

Para falar do tempo, Halbwachs (2004) discute a questão a partir das concepções de Henri Bergson. Este destaca que cada homem tem sua concepção de duração, isto é, as reflexões, o entusiasmo, a afetividade e tantos outros aspectos individuais mudam a maneira de o indivíduo perceber a duração dos acontecimentos. Há dias vazios e dias produtivos. Um velho e uma criança, certamente, não se entendem a respeito da duração de um momento.

É talvez o desinteresse crescente, um enfraquecimento progressivo das faculdades afetivas, que explica o fato de que à medida em que se fica mais velho o ritmo da vida se torna mais lento, e que, enquanto o dia de uma criança é repleto de impressões de momentos, no declínio dos anos o conteúdo de um dia, se levarmos em conta apenas o conteúdo real, daquilo que despertou nossa atenção e nos deu o sentimento de nossa vida interior (HALBWACHS, 2004. p.98).

Por esta propriedade de ser, vivenciada de maneira particular pelos indivíduos, é que Halbwachs (2004) afirma que existem dois tempos: o abstrato, matemático, que só atua nos fenômenos e objetos que não se quer fixar na memória e outro que é o tempo real, o tempo da memória, que muda conforme o momento. É o tempo real que permite lembrar e conservar um acontecimento e situá-lo na vivência do grupo e do indivíduo.

Para os memorialistas sociais, não há durações puramente individuais, pois a vida das pessoas não é uma linha contínua e impenetrável. No pensamento de cada uma há o encontro de diversas correntes de pensamento e são estas que a vida acompanha, que estão em cada indivíduo e também nos outros do grupo, que dão a idéia de continuidade e que fornecem alguns referenciais para que o indivíduo localize suas lembranças.

As consciências coletivas, afirma Halbwachs (2004), são o único meio de se ter contato com o tempo real. Com isso é preciso distinguir os diferentes tempos coletivos, tantos quantos forem os grupos, todavia não se pode ignorar que a vida social desenvolve-se dentro de um tempo dividido e convencional sob pena de não ser possível estabelecer correspondência entre os momentos. O tempo convencional, abstrato, permite que o indivíduo

consiga acompanhar os diferentes tempos grupais, entretanto esta correspondência temporal entre os grupos não é exata, visto que cada grupo tem uma exigência temporal.

Dentro dos diferentes grupos, não há a necessidade de medir o tempo com a mesma exatidão, tampouco a divisão do tempo se mantém de forma única, visto que ganhará significações diferentes em cada grupo. O que dá a referência de tempo na memória coletiva são fatos, acontecimentos do grupo, tais como casamentos, morte de parentes, mudanças, formaturas; “são pontos onde a significação da vida se concentra...” (BOSI, 1994, p. 415).

Como está interligado ao grupo, o tempo que a memória abrange é tão longo e contínuo quanto é o grupo. Quando este muda, inicia-se um novo tempo. Assim que um grupo é modificado, bastam alguns vestígios da corrente de pensamento antiga para que se explique a permanência e a continuidade do tempo e que seja possível lembrar, sem que, no entanto, esses tempos se confundam.

Um dos pontos importantes na duração e referência de tempo é o trabalho. Fentress e Wickham (1992), em pesquisa com mulheres camponesas e operárias, destacam que o trabalho tanto serve como analogia para localizar fatos e datas como para demarcar os espaços da memória: a memória do espaço de trabalho e a memória do espaço do não-trabalho.

Sendo assim, o tempo está diretamente ligado ao espaço e este é fundamental para a localização e identidade do grupo e da memória. Halbwachs (2004) destaca que o tempo é “aquilo que deve ser” para cada grupo, de acordo com suas atividades, suas tradições e seus espaços. No campo, o tempo poderá ser marcado pelo germinar das plantas, pelas colheitas, enquanto que na cidade, o tempo é mais cronológico, marcado pelo horário de trabalho.

Assim como o tempo, o espaço é fundamental para a memória coletiva, pois garante o sentimento de estabilidade, reconhecimento e pertença. Os bens materiais carregam não só a marca do possuidor mas também de outros indivíduos e são inspiração para aflorarem lembranças. O espaço é transformado pelo grupo e conserva os traços da cultura, das preferências e das tradições, tanto quanto os modos de ser e de fazer dos indivíduos (BOSI, 1994, HALBWACHS, 2004).

Toda ação do grupo pode ser entendida a partir do espaço e “cada sociedade o recorta a seu modo... de modo a reconstruir um quadro fixo onde encerra e localiza as lembranças” (HALBWACHS, 2004, p. 166-167). A casa onde mora, o bairro em que nasceu, a escola, os móveis da casa, um brinquedo preferido, as ruas, os parques... tudo contém um significado para o indivíduo e se insere de acordo com a corrente de pensamento do grupo.

O espaço dá estabilidade e a ilusão de o tempo não ter passado, porém a modificação do espaço torna o passar do tempo mais iminente, mais real. As mudanças do espaço, cada

vez mais aceleradas, em especial nas cidades, exige que os grupos se adaptem, não sem resistirem, ao novo espaço.² A resistência é percebida nos pequenos vestígios de outrora, como uma antiga placa, a conservação do mesmo nome dos lugares. E são estes objetos que servem de referência para lembrar a tradição.

A memória apóia-se no espaço, especialmente no espaço de cada um, no lugar que cada indivíduo ocupa e que tem acesso e que é reconstruído pela imaginação e pelo pensamento. É a esse espaço individual que se deve voltar a atenção para que reapareça determinada categoria de lembrança.

Fentress e Wickham (1992) em seus estudos sobre memória nos diversos tempos e culturas, afirmam que uma questão recorrente é a importância da geografia local para a memorização: grutas, lavouras, terras refletem a rotina do dia a dia da comunidade e adquirem sentido para seus habitantes. Já o espaço e o tempo fazem-se presentes na construção da identidade da comunidade. Ecléa Bosi (1994) também relaciona espaço e identidade ao afirmar que “... os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade” (p. 441). Os objetos, móveis, arranjos, especialmente a casa são dotados de afeto e significação e representam experiências de vida. São objetos biográficos.

A autora fala também do desenraizamento, isto é, do não ter um local, uma casa, um espaço devido às constantes mudanças. Esse “desenraizamento” desagrega a memória, faz perder o passado, pois se torna difícil localizá-lo no tempo e no espaço. Da mesma forma que este é referência para a memória, ela relativiza o tempo e o espaço ao fazer com que cada indivíduo perceba o fluxo de sua vida de acordo com suas próprias vivências. Na medida em que dá significado e preenche de afeto os acontecimentos e lugares, traz para o presente o passado e, a partir do lugar atual, o indivíduo ressignifica o tempo e o espaço do passado.

A memória é, pois, uma reconstrução do passado, da história vivida repleta de afetos e significados, localizada no tempo e no espaço e que traz em seu conteúdo, de forma explícita ou não, os modos de agir, pensar e sentir de certo grupo. Por tais peculiaridades é que a teoria da memória coletiva de Halbwachs (2004) é fundamental ao se estudar a cultura através da memória, pois permite que se relacione à memória tanto aspectos individuais quanto sociais e, principalmente, coloca a memória coletiva em uma relação dialética com os grupos e suas mudanças ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que prioriza os significados que cada

²“A memória das sociedades antigas apoiava-se na estabilidade espacial e na confiança em que os seres da nossa convivência não se perderiam, não se afastariam . Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (versus mobilidade”), família larga, extensa (versus ilhamento da família restrita) apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (versus objetos de consumo). Eis aí alguns arrimos em que sua memória se apoiava.”(BOSI,1994, p. 447).

grupo atribui aos fatos. Para Halbwachs (2004), as memórias coletivas são o centro das tradições.

A memória funciona como um intermediário cultural, na medida em que permite que através das histórias, dos objetos e de tudo o que é lembrado, sejam repassados os inúmeros significados construídos pelo grupo. É nesse lembrar do tempo passado, do ouvir histórias, dos fazeres, da linguagem, que a pessoa vai se inserindo na cultura. A inserção não ocorre apenas pela oralidade; a memória social é transmitida igualmente por gestos, festas, ritos, etc. (Fentress; Wickham, 1992; Halbwachs, 2004).

5 OS LUGARES DA MEMÓRIA COLETIVA

A memória coletiva é a memória do grupo. Esta que servirá de base para a memória individual, traz consigo as maneiras de sentir, pensar e agir do grupo, que foram passadas através de gerações. A memória coletiva e a individual, ambas, são construídas na interação com o social, de acordo com os modos de ser de cada grupo. Esses modos de ser impõem-se ao indivíduo que realiza seu pensar, seu sentir, seu agir e seus registros de acordo com as construções coletivas.

Para Halbwachs (2004), a memória é o centro das tradições e também da identidade, pois é devido ao que é lembrado, àquilo que é significado naquele momento de reconstrução que o indivíduo representa-se e representa, também, o mundo.

Sendo assim, então um estudo da maneira como nos lembramos – a maneira como nos apresentamos nas nossas memórias, a maneira como definimos as nossas identidades pessoais e coletivas (*sic*) através das nossas memórias, a maneira como ordenamos e estruturamos as nossas idéias nas nossas memórias e a maneira como transmitimos essas memórias a outros – é o estudo da maneira como somos” (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 20).

5.1 A FAMÍLIA E OS PRIMEIROS QUADROS DA MEMÓRIA

Uma das maneiras de se estudar a cultura é através da memória. A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, escola, igreja e outras instituições de referência. Pensa-se, então, a memória relacionada a quadros e instituições sociais, como fato social que expressa a consciência coletiva.

Os modos de ser são apresentados ao indivíduo desde o nascimento dele, então ele constrói a memória a partir de quando entra em contato com a cultura e com ela interage. Segundo Halbwachs (2004), o indivíduo passa a fazer registros mnêmicos à medida que abandona seu estado inicialmente instintivo e insere-se numa vida de relação e de troca com o outro.

O relacionar-se com o outro, o pensar com o outro e como o outro insere a criança na corrente de pensamento do grupo. O grupo primordial de convívio da criança é a família. E só

com o passar do tempo ela passa a conviver com outros grupos e a fazer parte de outras correntes de pensamento.

A criança é inserida na corrente de pensamento pelos comentários, reações e significados que os familiares atribuem aos acontecimentos. Tais significados estão inseridos dentro de um quadro social e, por isso, são guardados na memória. Nem sempre o acontecido passa imediatamente a fazer parte da corrente de pensamento da criança, por vezes ele é significado posteriormente, de acordo com as vivências e a maturidade por ela adquiridas.

As lembranças da infância, muitas vezes, não são rememoradas porque, à época do acontecimento, o indivíduo ainda não estava inserido na corrente de pensamento. Pode ocorrer, também, que determinado fato seja lembrado não porque a criança o selecionou, mas porque ela percebeu que foi importante para os pais, ou porque despertou preocupação nos adultos e, por isso, mereceu ser lembrado. Através dos comentários de familiares, a criança percebe que determinado fato ultrapassou o círculo familiar e se inseriu em uma memória social, na história vivida da sociedade.

A família é a primeira instituição de que o sujeito participa e, como tal, está ligada à estrutura social, à morfologia social, recebendo da sociedade uma força coerciva. A família, assim como outras instituições, expressam nos modos de pensar, sentir e agir, o funcionamento, a fisiologia social, as representações e a consciência coletiva.

A estrutura social não deve ser entendida como algo pronto e imutável, já que está em um constante “vir a ser”, está sempre se decompondo. A sociedade influencia os fenômenos morfológicos e fisiológicos e exerce poder coercitivo “[...] sobre indivíduos e grupos como fenômenos abstratos de consciência coletiva e suas manifestações concretas que são as representações coletivas... Daqui surgem manifestações polares, como os fenômenos culturais sagrados ou profanos” (DURKHEIM, 1978, p.32).

Agir, pensar e sentir são modos que estão presentes na memória cuja essência abrange a consciência coletiva e as representações. A família é a instituição que introduzirá o sujeito à coletividade, aos modos de ser de certa sociedade e a todos os elementos morfológicos e fisiológicos que constituem o homem um ser social. Ao longo da vida, este amplia seu convívio, pois se insere em diferentes memórias coletivas e participa de grupos distintos, compartilhando das consciências coletivas de cada um deles.³

³ “Para simplificar a exposição, suponhamos que o indivíduo só pertence a uma sociedade. De fato, fazemos parte de diversos grupos e existem em nós diversas consciências coletivas; mas esta complicação nada altera o que tentamos estabelecer aqui” (DURKHEIM, 1978, p.40).

Deve-se ter em mente que todos esses elementos envolvidos na formação, transmissão e essência da memória não são estáticos. Há transformações ao longo do tempo, devido a novos fatores acrescentados à sociedade, tais como exigências do trabalho, desenvolvimento econômico, tecnologia, etc.

As mudanças ocorridas na sociedade industrial impuseram novos papéis e nova organização à sociedade e, conseqüentemente, à família. Alguns papéis desempenhados por esse grupo social foram alterados como imperativo advindo da necessidade da divisão do trabalho, da diminuição do número de filhos e, principalmente, do impacto da longevidade dos membros da família, entre outros fatores.

Um dos marcos de maior mudança na família foi a necessidade de os adultos inserirem-se no mercado de trabalho, afastando-se das incumbências na propriedade desta. A família industrial, segundo Beltrão (1970), passou a viver do trabalho assalariado, perdendo a função patrimonial do sustento pela terra onde pais e filhos trabalhavam juntos e transformando as relações entre as gerações e entre os sexos.

Algumas dessas mudanças ocorreram após o ingresso da mulher no mercado de trabalho e com a antecipação da independência dos filhos. Para o autor, essas transformações geraram transição das funções institucionais da família até então voltadas para prover aspectos biológicos, educativos, econômicos, protetivos, recreativos e culturais, para funções pessoais, relacionadas a aspectos conjugais, parentais e fraternais.

Apesar de a família ter mudado sua estrutura e se tornado mais nuclear e de sua função enquanto instituição estar-se modificando, ela é ainda o grupo matriz, a referência e a base dos valores, da cultura, da proteção e do amor. É também lugar de exercício de poder, de definições de papéis e experiências de liberdade e repressão (BACELAR, 2002).

O grupo familiar é o espaço de experiência e de crescimento pessoal e social. Pichon-Rivière (1998) diz que a família enseja o marco das diferenças humanas através de papéis básicos em todas as culturas: pai, mãe e filho. Além da importância biológica ligada à sobrevivência e conservação da espécie a família fornece condições para aquisição de identidade pela transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais (OSÓRIO, 1997).

O repasse desses valores ocorre de forma espontânea e contínua através das atividades diárias, dos exemplos, das histórias. Enfim, é através da memória que a corrente de pensamento do grupo é transmitida para as gerações vindouras. Dentro do grupo familiar, são os avós as figuras que acabam por exercer o papel de perpetuador da cultura.

É justamente essa espontaneidade na transmissão dos valores que faz o poder coersivo da sociedade ser exercido de modo tão natural e inquestionado. Em *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, o personagem conta sua infância na casa do avô e faz reflexões sobre seus valores na época e as transformações sociais ocorridas.

O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque quiseram, e porque Deus quisera, nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos (REGO, 1998, p. 60).

5.2 MEMÓRIA, CULTURA E REGIÃO

Ao se pensar em cultura através da memória, deve-se ter claro que se fala dos modos, das representações de determinada sociedade, de determinada coletividade em certo tempo e espaço. Pertencer a uma cultura é pertencer a uma região⁴, não àquela essencialmente geográfica, fisicamente limitada, mas a uma região construída simbolicamente.

Para Bourdieu (2000), região é uma divisão arbitrária, delimitada por diferentes critérios e que nada tem de natural. Dentre eles podem estar a língua, o habitat, as relações com a terra e tantos outros que são objetos de representações, de percepção e apreciação.

O conceito de região é discutido e disputado por diversas disciplinas e só será possível entender sua gênese após um estudo interdisciplinar, porquanto, região vai além das dimensões naturais do espaço. O conceito de região envolve pressupostos, depende do contexto político e econômico, é arbitrário, pois é decidido por quem tem autoridade para tal.

Entende-se região como um espaço construído no campo simbólico formado por um complexo de relações inseridas numa rede sem fronteiras (POZENATO, 2003). No momento em que se estuda determinada cultura, estuda-se a região com a qual aquela rede de significados e símbolos se relaciona dialeticamente.

Esse entrecruzamento de região e cultura está presente nas obras literárias, na linguagem, nas descrições do ambiente, nos modos de ser dos personagens que representam certa região e certa cultura.

⁴ “O conceito de cultura designa o tempo e o espaço da atividade criadora do homem. Nesse sentido, pertencer à cultura, quase por essência, ser regional” (PAVIANI, 2004, p. 81)

“Nos meses de seca, os raros habitantes daquele cafundó mexiam-se cavando bebedouros de areia, cortando em cestos mandacaru para o gado, que se finava no carrapato” (RAMOS, 2003 p. 140).

Nada lhe agradava mais ao coração do que contemplar a amplidão dos campos, respirar o seu ar fino e limpo, dormir ao relento, em cima dos arreios, e preparar ele próprio numa panela de ferro, negra de fuligem, o seu arroz com picadinho de charque, sobre um fogo de gravetos aceso ao lado da carreta, enquanto os bois dormiam à luz das estrelas (VERISSIMO, 1994, p. 25).

Nessa determinação, está presente o poder de ‘di-visão’ que busca o conhecimento e reconhecimento de um espaço, atribuindo-lhe uma identidade. Não pode ser esquecido que ao serem buscados pontos objetivos e práticos de identidade regional, está-se utilizando critérios que são objetos de representações. As representações mentais, pois, são manifestas através das representações objetais (emblemas, bandeiras,...).

A luta a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer a respeito de propriedade (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como sotaque, são uns casos particulares da luta das classificações, luta pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a uma definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos (BORDIEU, 2000, p. 113).

Por isso o ato de estabelecer fronteira, ou seja, o ato de delimitação, produz diferenças culturais e é produto desta. Para se considerar uma região, não depende apenas daquele a quem o poder legítimo, está sujeito, também, ao discurso que justifica o entendimento do grupo a dado critério de divisão. Depende ainda de que o discurso anuncie ao grupo a que se destina o reconhecimento de identidade e pertença. Deve-se atentar igualmente para o fato de que todo o argumento sobre dada região contribui ou desfavorece para o acesso dela ao reconhecimento como tal.

A partir desse entendimento de região e relacionando-o com cultura, pode-se crer que quando se fala desta já se está falando em termos regionais, pois cultura são os significados, as representações, as quais são os objetos utilizados também para classificar a região.

Cultura são teias de significados em que o homem está inserido e estudá-la não é buscar leis, mas usar o significado de determinada cultura ou manifestação cultural. Entender a cultura em seus significados implica, antes de tudo, conceber o homem como um ser que modifica e é modificado pelo mundo e que está sempre atuando, sem separá-lo em estratos ou níveis (biológico, social,...), mas como uma globalidade que se completa através da cultura,

pois todo comportamento humano representa combinações do natural e do cultural e é nessa combinação que o homem se faz, de acordo com Clifford Geertz (1989).

Segundo Geertz (1989), o homem necessita de mecanismos de controle, de padrões de comportamento para que possa conviver em grupo e a cultura dá ao homem esses padrões. Para o autor, a cultura é um entrelaçado de símbolos construídos historicamente que representam fontes de informação através das quais o homem se comunica, perpetua conhecimentos e atividades em relação à vida. Esses símbolos existem fora do indivíduo, independente de sua vontade e de suas escolhas e persiste além de sua morte.

Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas (GEERTZ, 1989, p. 37).

5.3 OS AVÓS E A FUNÇÃO SOCIAL DE LEMBRAR

O nascimento dos filhos não modifica exclusivamente o papel do casal, que passa a ser pai e mãe, muito estudado nas diversas áreas sociais, mas também instaura em seus pais o papel de avô e avó.

O nascimento dos netos, conforme os estudos de Bacelar (2002), é um dos sinais de envelhecimento, e pode significar a sobrevivência da espécie por meio da família. Com os netos, os avós tanto podem ter maior possibilidade de expressar afeto quanto de ter uma relação marcada por conflito, na redefinição de papéis. Os avós, em especial a avó, têm um papel significativo na família, todavia ainda são poucos os estudos a respeito do tema que enfoque a relação entre avós e netos.

Em sua pesquisa sobre o lugar da avó, Bacelar (2002) pesquisou netos com idades entre 6 e 21 anos que conforme a idade, se posicionaram de maneira diferente em relação às avós, passando por uma percepção do carinho e da permissividade da avó, pelo distanciamento, conflitos e incompreensão dos papéis até a reaproximação e ao estabelecimento de uma relação de respeito e admiração por volta dos 21 anos. Tal pesquisa não leva em consideração fatores socioeconômicos nem culturais.

Em outra pesquisa, realizada por Dias e Silva (2003), que procurou mapear a perspectiva de universitários sobre os avós, foi enfatizado que os avós expressavam o significado de respeito, sabedoria e história, afeto e segundos pais. Quanto à influência, os netos investigados atribuíram importância emocional aos avós, garantindo que estes influenciavam na formação do caráter, nas características pessoais; serviam como apoio nos momentos difíceis e como exemplo de fidelidade conjugal. Outro aspecto destacado foi a influência dos pais na frequência do contato entre avós e netos, mostrando diferenças entre o relacionamento com a avó e com o avô e também se estes eram da família materna ou paterna.

Em sua tese de doutorado, enfocando a co-educação de gerações, Oliveira (1998) estudou a relação entre netos crianças e seus avós. Neste estudo, os avós eram os responsáveis pela educação dos netos. O autor deixa claro que avós e netos que vivem juntos estabelecem grande troca cultural, já que estes não só ensinam cantigas e contam histórias do tempo passado, mas também interagem no presente seja ouvindo os netos, seja brincando com estes. A co-educação de avós e netos é rica em contato social, ensinamento mútuo, respeito e valorização do outro.

Outras pesquisas, especialmente norte-americanas, mostram os avós como representantes da história de famílias, de apoio e amor. Os avós são os principais agentes socializadores da criança após os pais e, junto com estes, formam o grupo primordial do indivíduo, influenciando diretamente nos aspectos identitários.

A relação entre avós e netos tem-se modificado ao longo da história, assim como se modificou a família. Tal relação pode ser muito solidária e positiva para ambos se for alicerçada com compreensão e respeito mútuo (RUSCHEL, 1998). Quando se estabelece uma ligação afetiva, assumem-se e designam-se papéis que servem para se chegar ao outro e estabelecem-se vínculos. Na relação entre avós e netos, alguns aspectos foram considerados na pesquisa de Ruschel (1998) que salientou o interjogo ali presente para que se mantenha a autonomia e a independência dos idosos, bem como se estabeleça o resgate da auto-estima e o reconhecimento dos avós. O estudo apontou a dificuldade de os idosos perderem a influência em relação aos filhos e netos e o poder que exerciam na família. Hoje, porém, eles buscam ressignificar seu espaço e seus papéis na família e na sociedade.

Outro ponto interessante, apontado no estudo, é a sutileza e naturalidade com que o poder se apresenta na relação avós e netos, tendo, os primeiros um poder legitimado pelos netos à medida em que estes os consideram sábios e com experiência de vida. Todavia, há o questionamento dos netos sobre a necessidade de estes serem menos subordinados, gozarem certa independência.

Assim como a família é a instituição fundamental para a inserção do indivíduo na sociedade, a memória reconstruída através das histórias dos velhos fala da história da região pelas tradições, valores, costumes. Ao se trazer para o presente o passado pelas lembranças, pode-se recriar a cultura.

Avós têm um papel importante na família e na sociedade - “os avós proporcionam às gerações jovens uma âncora situacional ao transmiti-lhes sua história social geral e da própria família” (MORAGAS, 1997. p. 135).

São os avós as figuras de origem, as que iniciam as famílias, as que transmitem valores e outros aspectos psicossociais que são passados de pais para filhos. O contato entre netos e avós, o ouvir histórias do passado e também de si propicia aos netos constituir uma identidade (OSÓRIO, 1996).

Esse papel de fundador da família e guardião da história exercido pelos avós está também representado na literatura. Os avós representados ns livros também exercem o papel de dar à família suas heranças culturais, sua identidade.

A história inteira da família era contada nestes serões de depois da ceia. O avô do velho José Paulino viera de Pasmado, com um irmão padre para São Miguel. Fundara ali pelas várzeas e caatingas do Paraíba uma grande prole de senhores de engenho. Espalhará sangue de branco por entre os caboclos daquelas redondezas (REGO, 1998, p. 117).

Ao assumir e atribuir papéis, o indivíduo estabelece vínculos. É a diversidade de papéis assumidos e de vínculos estabelecidos e também a possibilidade de ressignificá-los que dirá da saúde mental do indivíduo. O vínculo mostra-se na interação entre os indivíduos; na sociedade, manifesta-se na conduta, na fala, na linguagem. “Aquilo que o paciente diz sobre si mesmo e sobre os outros são juízos que nos permitem investigar os vínculos” (PICHÓN-RIVIÈRE, 1998, p.44).

Ao se falar de vínculo neste estudo, fala-se à luz da Psicanálise Vincular, que tem como base a Psicanálise criada por Freud, que ampliou alguns conceitos e criou outros, entre eles o conceito de vínculo. Não será utilizada a teoria psicanalista nos moldes clínicos, mas sim no entendimento da psicanálise extensiva que privilegia as questões sociais.

Para a Psicanálise Vincular, o homem sempre é visto como parte do meio, como alguém que transforma o meio que o transforma. “Podemos pensar no sujeito como uma síntese criativa de uma trama complexa de fios que vêm de dentro e de fora e que surgem da própria interação desses dois âmbitos” (Fernandes [et al.], 2003; p. 33). Isto é, o ser humano é constituído e constitui a cultura.

Vínculo é “a estrutura relacional em que ocorre a ‘experiência emocional’ entre duas ou mais pessoas ou partes da mesma pessoa. Pode ser intra-subjetivo, intersubjetivo e trans-subjetivo” (Fernandes [et al.], 2003, p. 44). Os aspectos intra-subjetivos referem-se ao mundo interno, às representações, fantasias, sonhos; neste ponto, considera-se o inconsciente. No aspecto intersubjetivo, há o sujeito e os outros, os sentimentos, as relações; é quando se constitui a identidade sexual, o sentimento de pertença e outros aspectos que irão influenciar na maneira do indivíduo de se relacionar com os diversos grupos ao longo da vida. Já no plano trans-subjetivo, prioriza os aspectos culturais, o “macrotexto”; é o momento em que o sujeito estabelece relações como valores, crenças, ideologias e com sua própria história. O vínculo é pessoal e nele está implicado todo o sujeito, seu aparelho psíquico, seus instintos, o sujeito em situação, a situação entendida como contexto.

Nesta pesquisa sobre avós e netos, o estudo trata do vínculo entre eles através da memória dos idosos que falam de seus avós e de si próprios como avós. Ao lembrar e relembrar papéis, está-se ressignificando vínculos e se repensando a cultura.

Os idosos, que outrora foram netos, desempenham hoje o papel de avô e avó e o vínculo que tiveram no passado com seus avós faz-se presente na personalidade, na maneira de se relacionarem com seus netos, nos valores, nas tradições, etc. São privilegiados os aspectos trans-subjetivos do vínculo a fim de ver justamente, os aspectos da cultura regional que o vínculo engloba, através dos ‘modos de ser avô e avó’.

Esses modos de ser avô e avó são transmitidos pelo agir, pensar e sentir presentes nas relações avós-netos. Em seus estudos sobre memória coletiva Halbwachs (2004) destaca a importância do papel dos avós afirmando quão singular é na memória, tanto pelas histórias contadas por essas pessoas quanto pela maneira como estas são no dia a dia.

É através de relatos feitos por seus avós, então, que a criança identifica aspectos familiares quando forma uma idéia sobre um passado remoto e trava conhecimento com os valores de outras épocas que já não lhe parecem de todo estranho. Os quadros sociais relatados para a criança fazem com que ela tenha contato com o passado, com a história vivida, que não é marcada por datas, mas pela corrente de pensamento e experiência que geram quadros de lembranças pessoais passadas em que a memória se apoiará. Ao contar a história da família, os avós transmitem a memória da sociedade e também aspectos afetivos e identitários.

Ecléa Bosi (1994) reafirma o papel dos avós e dos idosos na família ao destacar que o velho é a memória da família e da sociedade, tem o poder de tornar presente os que não mais ali, estão, entretanto tornam-se visíveis nos hábitos, nos costumes, nos valores demonstrados.

Os adultos, segundo Bosi (1994), não se dedicam ao relembrar, não se prendem ao passado. Isso é papel do velho, que se volta para a infância, para o passado da família e da sociedade. Antigamente, antes das exigências sócio-econômicas do capitalismo moderno, as famílias eram mais extensas, a convivência entre os parentes era mais freqüente e mais numerosa e a recordação da história era mais constante do que hoje, com as famílias cada vez mais reduzidas.

Convém ressaltar que esse contato da criança com o velho tem dupla importância. Para o velho é a oportunidade de ter sua vida valorizada. “O vínculo com a outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião a alegria de uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância” (BOSI, 1994, p.82). Para a criança, é a maneira de construir a memória da família e a sua identidade familiar. É através dessa proximidade com os mais velhos que a criança percebe-se em contato com outro tempo, embora não lhe seja totalmente desconhecido, pois está presente no modo de ser das pessoas de sua família. É esse modo peculiar que se fixa na memória da criança.

É possível encontrar o modo de ser do passado, mesmo que inconsciente, nos grupos atuais. Percebe-se que pais e avós têm muito mais em comum do que a criança julgava inicialmente, porque há certa continuidade na família e na sociedade que faz com que se mantenha a mesma essência, o mesmo modo de ser ainda que modificado pelas circunstâncias (Halbwachs, 2004).

6 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO DISCURSO DA MEMÓRIA

Comecei a escrever o primeiro volume de *O Tempo e o Vento* em 1947, com enorme impulso. Durante os três anos em que vivi na casa de meu avô materno, observando-o – às vezes consciente, outras inconscientemente – no ato de viver, de ser, mal sabia eu que estava fazendo com ele o meu “aprendizado gaúcho”, e que sua prosódia, a cadência de sua voz, sua sabedoria de vida, seus ditos, seu gosto em matéria de comida, os “causos” que ele contava, a maneira como se vestia, a opinião que manifestava sobre política, instituições, pessoas, bichos, coisas... – haviam de no futuro ajudar-me a escrever a obra talvez mais importante da minha carreira. Assim, o velho Aníbal foi, sem querer nem saber, uma espécie de intérprete, de ponte entre este seu neto cidadão e a terra e a gente do Rio Grande (ÉRICO VERISSIMO, 1994, p. 295).

Desde antes de nascer, o ser humano já faz parte de um grupo que lhe atribui uma identidade, um lugar, ainda que este seja virtual, construído pelo desejo dos pais e familiares. É um espaço que, ao nascer, o sujeito ocupa e a partir dele inicia a construção de sua subjetividade.

É esse espaço de interação que a família representa primordial na estruturação do ser humano enquanto sujeito de desejo participante de uma sociedade. É no grupo que o indivíduo tem os referenciais básicos dos sentimentos e entra em contato com a cultura. Tais transmissões culturais e afetivas não são realizadas de maneira isolada no seio familiar, elas acontecem de forma dinâmica, uma vez que a família é constituída e constitui a sociedade, sendo influenciada e influenciando o social. Por essa razão, talvez, nenhuma instituição que não a família mostre de forma tão clara as mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas no último século.

Em cada período da história, a família caracterizou-se de forma a refletir em sua dinâmica e nas suas relações o contexto em que se insere. Pode-se pensar que a industrialização e a urbanização tenham sido o grande marco das mudanças familiares, porquanto os motivos para tal atribuem-se a questões de ordem econômico-social. Até então, o trabalho era realizado na propriedade da família e a mãe era a grande procriadora e protetora do lar. Com a necessidade da participação feminina no mercado de trabalho, a dinâmica familiar teve que se adaptar e sofrer mudanças substanciais.

Por muito tempo, as funções da família foram claras e bem delimitadas, dando conta de diversos aspectos: biológico, com a função reprodutiva; o aspecto econômico, enquanto grupo de consumo e de produção; a função estrativa e integrativa de estabelecer e transmitir o status e o controle social dos costumes e das regras. A família exerceu, também, funções afetivas, protetivas e educativas. Hoje tais funções já não estão delimitadas com tanta clareza, já que a reprodução ganhou novas dimensões com os avanços das técnicas de fertilização, as

exigências econômicas impuseram a emancipação cada vez mais precoce dos filhos e as fronteiras família-Estado-sociedade tornaram-se mais permeáveis (BELTRÃO, 1970; FERNANDES [et al.], 2003; HEREDIA, 2006).

A necessidade de se adaptar às exigências socioeconômicas proporciona novos arranjos nas funções familiares, contudo a família se mantém enquanto grupo primordial nas relações afetivas e sociais. Com ela que o indivíduo estabelece seus primeiros vínculos e é nela, também, que assume novos papéis e novas relações ao longo de sua vida.

Um dos marcos no ciclo da família é o nascimento dos filhos que inaugura os papéis de pais e avós. A cada dia cresce a possibilidade de convivência entre avós e netos devido ao aumento da expectativa de vida e proporciona aos avós mostrarem-se como figuras enriquecedoras de afeto, segurança e, principalmente, de transmissão da história e da cultura. (BACELAR, 2002; OSÓRIO, 1997; SALGADO, 2000).

Os estudos de Carmen Salgado (2000) apontam para a função de apoio e proteção exercida pelos avós, principalmente nos momentos de crise, mantendo a estabilidade do sistema familiar. Em momentos de divórcio, de morte, de dificuldades financeiras e de relacionamento, os avós aparecem como figuras fundamentais para auxiliar na superação do conflito fornecendo segurança aos netos e, ainda, dando estímulo e apoio emocional aos filhos.

A relação com os netos tem grande valor simbólico e afetivo, pois propicia aos avós além do exercício de novos papéis expressarem sua identidade. A autora destaca ainda que esse relacionamento é essencial também para os netos, enquanto possibilidade de identificação e de troca de afeto. É importante, nos dias atuais, que os avós cuidem dos netos, para que os pais destes possam trabalhar. Esses cuidados permitem aos avós sentirem-se úteis e desenvolverem aspectos positivos frente a tantas perdas pessoais e sociais ocorridas na idade avançada.

A relação entre avós e netos cria o espaço de descobertas e de ensinamentos que acontecem de forma natural e espontânea no desenrolar da convivência. O estar junto, ver os avós realizarem atividades diversificadas, dialogar com eles, ouvir-lhes histórias, ser cuidado, todos esses modos de agir transmitem aos netos os modos de ser de uma sociedade. Estar em contato com os modos de ser dos avós é ter contato com a cultura de forma efetiva e espontânea. É a memória coletiva em sua essência. (FENTRESS; WICKHAM, 1992; HALBWACHS, 2004).

Como a memória coletiva está presente no agir, no pensar e no sentir e é registrada pelo indivíduo de forma sutil, exerce a função de transmitir o coletivo, a cultura, o enquadre

social para a memória individual. Narrar fatos de sua vida, como os fazeres na família, é também lembrar fatos do social, do coletivo, uma vez que nada ocorre de forma isolada e descontextualizada.

A memória narrada é lugar de cultura, de correntes de pensamento. Um dos lugares da memória é a literatura, visto que esta expressa a memória coletiva tanto através de seu conteúdo quanto pelo uso da linguagem, como já discutido anteriormente.

Seja pela memória contada oralmente, seja por aquela expressada nos livros, lembrar-se do relacionamento com os avós e com os netos é ir além dos fatos em si; é mais que rememorar os modos de ser de cada um. O trabalho da memória é um trabalho de vida; é entrar em contato com a identidade do sujeito e dos grupos dos quais faz parte; é inserir-se nas correntes de pensamento desses grupos, entrando em contato com a dialética do ser; é ‘reconhecer’ o já sabido com os olhos do tempo e ter a vida reeditada pela contemporaneidade (BOSI, 1994; FENTRESS, WICKHAM, 1992; HALBWACHS, 2004).

A dinâmica da memória é ainda maior na literatura, pois, além do trabalho de lembrar realizado pelo autor da narrativa e que expressa a memória individual e coletiva, há a memória do leitor que também é redimensionada a partir da leitura da obra. Em suas vivências, o indivíduo lembra sob influência do social e isso inclui o que leu.

Mesmo com essas relações entre obra literária e memória, nos estudos preliminares para esta pesquisa, a narração que visa à busca por lembranças dos avós mostrou um pequeno espaço dedicado aos idosos dentro das obras. Ao mesmo tempo, que não se encontrou qualquer narrativa cujo personagem fosse um avô ou uma avó lembrando de seus avós. Esse escasso espaço para a voz dos idosos também é reflexo da sociedade que somente nos últimos anos tem-se dedicado a olhar e ouvir os velhos.

As lembranças do sujeito sobre os avós e as lembranças dele sobre os netos são dois momentos da mesma história, do mesmo grupo enquanto instituição, diferentes, porém, no tempo e nos significados. As narrativas de avós sobre seus avós e sobre seus netos permitem construir uma trama de significados que mostram a dinâmica cultural nas relações familiares, refletindo a dinâmica social.

Analisada a memória coletiva nas lembranças narradas pelos idosos, foi possível dividi-las em dois momentos: o primeiro são as memórias do relacionamento com os avós e o segundo são as lembranças do relacionamento com os netos. Da análise desses dois momentos destacaram-se cinco categorias com subcategorias.

A primeira intitula-se *Espaços de Convivência* - engloba idéias sobre os contatos e encontros da família e sua subcategoria *Retrato dos Lugares* destaca aspectos ligados aos

espaços físicos da lembrança da convivência; a segunda categoria é *Papéis dos Avós* com a subcategoria *Meios de Proteção*, ambas agrupam idéias que fazem referência aos papéis dos avós e como os avós os desempenham; a categoria seguinte chama-se *Traços Culturais* e tem as subcategorias *Sabedoria dos Avós e Práticas Religiosas*, estas dão conta dos fazeres, práticas, hábitos e conhecimentos rememorados e que revelam aspectos da cultura. A quarta categoria refere-se aos aspectos identitários e chama-se *Sentimento de Pertença* com as subcategorias *História de Origens e Marcas e Diferenças*, por fim, *Re(-)conhecimento da Vida* e a subcategoria *Limites e Possibilidades* englobam as idéias de tempo, das condições de envelhecimento e do ciclo da vida.

6.1 ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA

Conviver é ter um viver em comum, é dividir e compartilhar momentos e, ao mesmo tempo, criar um espaço, um tempo em que ocorrem trocas mútuas e cultivam-se afetos. Os espaços físicos e os espaços de tempo em que se dá a convivência são múltiplos e oportunizam a construção de espaços simbólicos, ricos em identificações, em conhecimento, em memória e em cultura. É no espaço simbólico da convivência que a memória coletiva insere-se.

É através da convivência que avós e netos se conhecem, estabelecem vínculos, e constroem uma história em comum que permite acontecerem as manifestações culturais e também afetivas. A importância da convivência vai além do simples contato enquanto ocorrem as manifestações culturais. A própria convivência, pois, aparece como o aspecto importante da cultura.

Conviver com os avós é, antes de tudo, um valor cultural. É importante e esperado que esta convivência ocorra como uma manutenção da unidade familiar, como reconhecimento para com os idosos, como uma demonstração de afeto. Essa importância da convivência apareceu na lembrança dos idosos sobre seus avós e também na lembrança do contato com os netos, firmando a manifestação cultural que se mantém com os passar dos anos.

Lembrar-se da convivência entre avós e netos é trazer à memória também a convivência com os primos e tios. Os avós aparecem como figuras centrais de união da família, figuras em torno da qual os filhos e netos se reúnem para almoçar no fim de semana, ou símbolo do lugar onde os netos se encontram com os primos para brincar e festejar. Nessas condições os avós são figuras de referência e de afeto para a qual a família se volta para

fortalecer as origens e participar de um convívio que permite a interação com a cultura e a tradição.

A importância da convivência entre avós e netos aparece no romance *Menino de Engenho* de José Lins do Rego. O protagonista Carlinhos mora no Engenho de açúcar de seu avô onde convive também com tios, tias e com os primos que por lá passam as férias. Esses momentos são lembrados pelo personagem como momentos ricos de experiências e descobertas:

Tinham chegado para passar tempo no engenho uns meus primos, mais velhos do que eu: dois meninos e uma menina. Agora não era só com os moleques que me acharia. Meus dois primos, bem afoitos, sabiam nadar, montar a cavalo no osso, comiam tudo e nada lhes fazia mal (REGO, 1998, p. 10).

Tanto nas falas de personagens literários que se lembram dos avós quanto nas dos entrevistados, o convívio com os avós é fundamental. A importância da convivência enquanto unidade familiar é evidenciado nas falas dos idosos sobre seus avós e também dos idosos sobre seus netos o que mostra uma constante na cultura regional. Mesmo com o passar dos anos e as mudanças nas configurações familiares, a convivência com os avós enquanto figuras centrais da família manteve-se como um valor cultural. O que é confirmado abaixo, nas falas dos idosos entrevistados para este trabalho.

Ela (avó) era o elo de ligação entre todo mundo, nos domingos de tarde podia contar que estava todo mundo da família na casa da minha vó. Ela tinha aquelas mesas compridas de pensão e dava gosto de ver os filhos e netos sentados lá 'dêle' conversar (Avó 3).

A gente se reúne sempre nos domingos para fazer um churrasquinho: as duas filhas com os netos todos. Pena aqueles que estão longe! A gente vê menos, mas algumas datas eles até vem (Avó 12).

Nem sempre o contato com os avós é freqüente, pois a distância e os compromissos com estudo e trabalho limitam o convívio ao período de férias. Isso tornava e torna a visita a eles um momento único de liberdade, de aconchego e de amor.

Independente da freqüência com que avós e netos se visitavam, o sentimento expresso nas falas torna evidente o amor mútuo presente nessa interação. Os idosos recordam-se de seus avós com amor e saudade, narrando momentos de alegria e carinho, lembram-se, também, de seus próprios netos com satisfação e reconhecimento ao serem visitados por eles. Nos dois momentos da lembrança, o avô e a avó aparecem como figuras que prezam o contato com a família e que buscam agradar e proporcionar momentos especiais para os netos.

De noite, nós dizíamos para a nona: 'Nona, dança um pouquinho, dança!'.[...]Ela fazia aquelas tranças e botava aquele molho de palha em baixo do braço e um feixe de trança assim (mostra a forma de a avó segurar a trança tal como um chicote) e dançava. Nós gostávamos de ver a nona dançar com a música do rádio, sempre ligava nas músicas caipiras de São Paulo, música sertaneja. A nona gostava e nós gostávamos mais ainda (Avô 4).

Os outros netos são só visita, uns 3 ou 4 dias depois eles iam embora. Nesses dias era de fazer comida, mas sempre procurávamos nos divertir, fazer coisas diferentes, levar conhecer as coisas, comer mais (avô 11).

As falas vêm confirmar a função socializadora dos avós. Conforme já foi discutido, os avós são as figuras principais de inserção da criança na cultura e na sociedade, depois dos pais. Ao ratificar a convivência como um fator de aprendizagem, de troca permanente, os discursos dos avós apontam para uma grande diferença cultural no que se refere a socialização e a forma como esta se dá no contato avós-netos.

No tempo passado, da lembrança dos idosos sobre seus avós, a convivência entre avós e netos já agregava aspectos de ludicidade e afetividade, no entanto a maior parte das interações ocorriam na realização conjunta das atividades diárias. Na atualidade, este aspecto de trabalho em conjunto não aparece. Os avós de hoje narram a convivência através do brinquedo, mantendo o aspecto lúdico, mas evidenciando certa separação das atividades dos avós e dos netos.

A gente ia com ela e ajudava em tudo. Quando era época de cortar as parreiras eles cortavam e nós pequeninhos juntávamos todas as varinhas das parreiras e fazíamos um monte assim para quando a gente caminhar não tropeçar e cair no chão (Avó 8).

Nossa, a gente faz de tudo! Eles (netos) vem e botam som e nós dançamos, nós brincamos com joguinho (Avó 3).

Os netos estavam sempre por aí brincando (Avô 10).

Por certo as relações familiares ganharam novas configurações, todavia ainda manifestam a cultura da região que mantém alguns aspectos e modifica outros. Um aspecto cultural que foi transformado ao longo dos anos está relacionado às mudanças socioeconômicas. As atividades de trabalho desenvolvidas passaram de agrárias a industriais e, com isso, transformaram a moradia, a organização do tempo e do espaço da casa e os significados construídos a partir de então.

As relações na sociedade agrária configuravam-se em torno do trabalho na propriedade. Como executavam as tarefas juntos, os vínculos familiares se davam de tal forma a manter a hierarquia familiar. A vida rural na colônia exigia trabalho diário e a divisão do tempo era de acordo com as exigências da natureza e do cultivo da terra, não havia férias, fins

de semana ou horário de trabalho pré-estabelecido. Tudo se configurava conforme os fazeres diários.

Os netos, ao visitarem os avós, inseriam-se na cultura do grupo de cooperação familiar e participavam das atividades junto com os avós que se mantinham produtivos por mais tempo, pois o trabalho rural independia de idade e de aposentadoria.

Na memória sobre seus avós os idosos lembram que estar junto com aqueles proporcionava o aprendizado do ofício e do trabalho de forma prática:

A gente aprendia de tanto ver eles fazerem (Avô 12).

Essa participação dos netos nas atividades diárias da família e o conseqüente aprendizado pela observação não aparece nas memórias dos idosos sobre seus netos, pois, nos dias atuais, as relações e as atividades familiares seguem as características da cultura da modernidade.

As exigências da sociedade moderna impõem às famílias, cada vez mais, a participação de todos no mercado de trabalho, fazendo com que se permaneça mais tempo fora do meio familiar. Com isso, o tempo de convivência acabou restrito ao tempo livre, àquele em que não se está no trabalho.

Utilizar o trabalho como divisor do tempo é algo necessário ao homem, e é estabelecido pela cultura ao longo da existência. A atividade laboral é um referencial adotado pelo grupo para reger o tempo das relações.

Fentress e Wickham (1992) reiteram este ponto, afirmando que o trabalho divide os espaços de convivência entre o lugar de exercer a profissão e o lugar de casa. O primeiro marca, também, o passar do tempo cronológico e o tempo da memória, estabelecendo pontos de referência tais como antes e depois da colheita, depois de plantar, no horário do intervalo, depois do trabalho, nas férias, no feriado, etc. O trabalho rege também a disponibilidade de contato entre netos e avós na atualidade, pois que a maioria destes já está aposentado, o que proporciona tempo livre para brincadeiras e passeios.

Apesar de os avós atuais terem mais tempo para o contato com os netos, isso não garante a frequência nem a cumplicidade das relações. A relação avós-netos depende, antes de tudo, do desejo do encontro, de os avós buscarem o contato com os netos e dos filhos intermediarem esse convívio de forma a fortalecer o vínculo, em especial quando os netos são crianças.

Outro ponto que interfere na convivência entre os avós e os netos está na participação dos idosos e das crianças em diversas atividades sócio culturais o que pode tanto limitar o tempo para a convivência quanto aproximar as gerações através de conhecimentos e interesses em comum.

Na atualidade o interesse pelo bem-estar na velhice inaugurou novas possibilidades para o idoso e para as crianças e jovens. As mudanças ocorreram, também, nas atividades no espaço doméstico. A sociedade de consumo estabeleceu novos meios de convivência, os brinquedos são individuais e tecnológicos, a televisão ocupa grande parte do tempo livre das crianças e estas não são envolvidas nas atividades domésticas, características que se refletem na díade avós-netos. Antes os netos eram inseridos no espaço dos avós, hoje, os avós mudam seus espaços para acolher os netos:

Esses colchonetes, esse cobertor é porque a minha neta pequeninha estava aqui e ela deita para ver desenho e a gente brinca no chão (Avô 4).

Por tais aspectos da modernidade, os avós atuais exercem o papel de resgatar as brincadeiras tradicionais e fazer, muitas vezes a releitura ou até mesmo a adaptação dos jogos de outrora para proporcionar aos netos uma experiência além da televisão, da tecnologia urbana restrita ao espaço de “dentro de casa”. Os avós podem criar novos espaços dentro do território urbano estando disponíveis para levar as crianças a parques e áreas livres, ensinar-lhes brincadeiras e incentivá-los as atividades lúdicas.

Eu brinco com eles, ontem até joguei bolita com eles aqui. Como eles pertencem aos escoteiros, eu levo eles, depois a gente sai; eles gostam (Avô 4).

Juntava toda a turma aqui, aquela criança. E como brincavam! Não tinha esse negócio de andar atrás, de ‘não faz isso, não faz aquilo’. Coisa mais linda aquele monte de criança correndo no pátio (Avó 9).

Vivências como estas, de liberdade e de contato com a natureza, propiciada pelos avós, reiteram a importância dessas figuras como aqueles que fornecem novidades e criam momentos únicos e diferenciados nos vínculos infantis, contribuindo para o desenvolvimento psicossocial dos netos.

6.1.1 Retrato dos Lugares

Na lembrança dos avós sobre seus próprios avós aparece uma singularidade que marca aquele momento da cultura regional e que forma uma subcategoria dentro dos espaços de convivência, denominada “Retrato dos Lugares”.

Esta subcategoria reúne idéias a respeito do espaço físico da convivência que, além de cenário para os acontecimentos e referência para a memória, remetem a aspectos específicos de uma época, exemplificando a memória coletiva. Nesses discursos, o espaço físico é o agregador da memória coletiva e, também, da memória da convivência.

A memória da convivência com os avós mostra as diferentes formas de ocupação da terra e retrata o meio rural e urbano. O espaço/tempo dos avós diferencia-se pelos aspectos naturais e pelos hábitos específicos daquele meio e, ainda, pelo significado construído na interação avós-netos-espaço.

Para a gente era tudo novidade: eu nasci e me criei na cidade, e lá no campo levantava cedo para tirar leite, recolher as vacas, aquelas coisas de lida do campo (Avó 3).

O meu avô morava numa zona rural, era uma região que tinha mais a parte frutífera, tinha muita laranja e muita bergamota e ele fazia questão de levar a gente para conhecer, para ver aquelas plantas bonitas, as frutas bem grandes, graúdas (Avô 6).

Halbwachs (2004) diz que cada sociedade recorta o espaço a seu modo, usando o referencial que lhe interessa, seja econômico, social ou jurídico. O inegável é que precisa do espaço para localizar a memória “é somente a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente; mas é assim que podemos definir a memória; e o espaço só é suficientemente estável para poder durar sem envelhecer, nem perder nenhuma de suas partes” (HALBWACHS, 2004, p.167).

O lote que era dividido, tinha uma parte para criar os porcos que era separado por uma cerca de taquara. Lembro até hoje que quando soltava os porcos tinha que cuidar para não irem para a horta (Avó 2).

Na casa dela (avó) tinha um terreno comprido e nos fundos do terreno tinha bastante árvore e a gente brincava de Tarzan, de escoteiro, que na época eu já tinha noção disso, a gente dormia no mato. Para a gente era uma selva (Avó 5).

Os espaços de convivência encontrados nas lembranças dos idosos sobre seus avós e sobre seus netos mostram a cultura regional transformando os lugares e modificando as relações familiares.

O convívio entre gerações em questão é garantia da manutenção dos saberes tanto do grupo familiar quanto da cultura regional. A figura dos avós é o símbolo da unidade entre os familiares. Nos dois momentos da memória, sobre os avós e sobre os netos, aspectos lúdicos e afetivos permeiam as relações.

A diferença está nas formas de interação entre avós e netos que antigamente eram mediadas pelo trabalho diário e inseria os netos nas atividades dos avós. Mais recente, na memória dos avós sobre os netos, a convivência se dá pelo brinquedo.

Cada uma das memórias traz aspectos ímpares de seus tempos. O discurso dos idosos lembrando de seus avós destaca os lugares onde o convívio familiar acontecia e remete às diferenças entre o meio rural e o urbano. Esse aspecto confirma o que a teoria já antecipou, que a memória individual tem o enquadre social, está apoiada na memória coletiva, no social. Isso está exemplificado, explicitado nas falas dos entrevistados, na maneira como a cultura ocupa o espaço e como ele se relaciona.

6.2 PAPÉIS DOS AVÓS

Na família existem diversos papéis sociais, através dos quais seus componentes desempenham obrigações. Entre os papéis básicos estão o de avô e avó. Nos últimos anos, estes papéis sofreram grandes modificações e deixaram de serem assexuados para se tornarem ativos e participativos (MORAGAS, 1997).

A longevidade e a crescente qualidade de vida permitem que o convívio entre avós e netos seja mais duradouro, além de autorizarem aos avós participarem ativamente e por mais tempo das funções da família. As novas possibilidades da modernidade permitem novos jeitos de ser avô e avó, todavia o que é esperado e entendido como função dos avós mantém-se igual, mesmo com o passar dos anos. Conforme já foi exposto, uma das funções da família é ser provedora de cuidados básicos que assegure o desenvolvimento físico, psíquico e social de seus membros; esse papel é esperado, primeiramente, das figuras paternas.

Como a família é um sistema que se desenvolve de forma contínua e integrada, mesmo que os filhos já tenham formado sua família de procriação, aquela de origem continua

sendo referência importante. Os avós que funcionam como apoiadores emocionais dos filhos e também dos netos estão na família de origem (BACELAR, 2002; MORAGAS, 1997).

Ao assumirem os avós esse papel de proteção cria-se a possibilidade de estabelecer o vínculo. São três os níveis de interação que o vínculo envolve: as motivações internas e inconscientes são do plano intra-subjetivo; o plano intersubjetivo envolve as relações com as outras pessoas e com a subjetividade dela, o terceiro nível é o transubjetivo que consiste nas influências da cultura tanto nas representações, quanto nos papéis e nos modos de agir, pensar e sentir.

Neste estudo, a atenção se volta para os aspectos transubjetivos do vínculo e enfoca os aspectos culturais que permeiam o atribuir e assumir papéis. Ao analisar o discurso dos entrevistados, percebe-se que o papel dos avós mantém-se o mesmo ao longo dos anos, porém os meios utilizados para exercê-lo foram transformados.

Essas idéias aparecem nas narrativas dos entrevistados que acrescentam diversos aspectos ligados à função protetiva dos avós.

Ao se lembrarem do passado, os idosos destacam o papel dos avós enquanto figura de proteção, de apoio financeiro e emocional, de conselheiro e cuidador dos netos e da família. Esse papel é igualmente descrito quando os idosos mencionam seu próprio papel na família, o que mostra uma manifestação da cultura regional que se mantém constante ao longo dos anos e reafirma a teoria discutida neste estudo a respeito de avós.

O papel dos avós aparece também na memória expressa na literatura e condiz com aquele manifesto pelos entrevistados. Em algumas narrativas registradas, os avós são apoio dos netos quando do falecimento dos pais, como no caso de Menino de Engenho; os avós também acolhem a filha e netos em caso de separação e posicionam-se como proteção para os netos, como em Solo de Clarineta e Infância, respectivamente.

“Certa vez minha mãe surrou-me [...] Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer” (RAMOS, 2003, p. 33).

Tanto na literatura quanto nas narrativas dos entrevistados o papel dos avós é uma manifestação da cultura, visto que, traz consigo significados construídos pelo grupo a respeito do que é esperado de um avô e de uma avó, as obrigações e os fazeres destes. Os avós aparecem na cultura como aqueles responsáveis por suprir os netos tanto no que se refere às necessidades básicas quanto nutri-los nos sentimentos de segurança e confiança tão necessários para o desenvolvimento de identidade.

6.2.1 Meios de Proteção

O papel dos avós está ligado à função protetiva que pode ser exercida de diversas formas. Os meios necessários para exercer esse papel é que mostram as mudanças na cultura. Os idosos lembram-se de seus avós como aqueles que assumiam o cuidado dos netos por um período de tempo, quando os filhos estavam ausentes por motivos profissionais ou por lazer. Esse mesmo tipo de cuidado exercido pelos avós no passado aparece na memória dos idosos quando lembram-se da relação com os netos e do papel de avô e de avó que exercem nas suas famílias.

A condição de cuidador, que faz parte do papel dos avós construído culturalmente ao longo de anos, exige que os avós sejam responsáveis pelos netos durante o período determinado e dêem conta de cuidados de toda ordem – educativa, de saúde, cultural, etc – o que demonstra não apenas a atuação como avós, mas denuncia que, em alguns momentos, as atribuições de avós e de pais se confundem.

Novamente o discurso dos entrevistados mostra as mudanças impostas pela sociedade industrial em relação ao trabalho. Estes aspectos já foram discutidos na categoria anterior e reaparecem, influenciando a função protetiva dos avós. Antigamente cabia à avó, matriarca, o serviço da casa e o cuidado dos netos que ainda não podiam ajudar no trabalho. No entanto, os pais sempre estavam onipresentes, pois o trabalho não os forçava a se afastarem fisicamente.

Hoje, os pais precisam se afastar do lar, e as crianças permanecem sob os cuidados de terceiros, como babás e creches; outros, com mais idade, ficam sozinhos em casa. Então, os avós dão a possibilidade de os netos estarem no meio familiar, serem educados e estarem em contato com os princípios e valores da família, proporcionando, assim, maior tranquilidade para os pais. Estes confiam que as crianças estão em segurança e são bem cuidadas pela avó, avô ou por ambos.

Essa atribuição dos avós é reiterada pelos estudos de Dias & Silva (2003) que diz: “Este envolvimento se explica pela novidade que o papel representa, pelos cuidados que as crianças e adolescentes exigem ou pela necessidade que os pais têm de recorrer aos seus próprios pais para cuidarem dos netos enquanto trabalham ou realizam outras atividades” (2003).

A turma ia para o trabalho e a nona ficava em casa com os mais pequenos; ela fazia comida, lavava roupa, buscava água (Avó 4).

Eu vinha para o colégio e na saída do colégio eu ficava lá na minha vó até minha mãe me buscar (Avó 3).

Ele tinha dificuldade de falar então nós levamos ele lá naquela escola no (bairro) Cruzeiro, o Hellen Keller. Ele vinha dormir aqui e de manhã saíamos cedo (Avó 8)

Esse é o filho da S, ele vem da escola e fica aqui em casa de tarde, e eu pergunto para ele: -Já fez o tema? Tem que fazer o tema direito (Avó 7).

A moradia também é lembrança de proteção e segurança. É nesse ponto que os avós do presente funcionam como refúgio dos filhos e dos netos. Oferecer moradia e acolher os descendentes é um aspecto lembrado pelos idosos na memória sobre seus netos e mostram como os avós, hoje, correspondem a esse o papel social de protetor que se mantém culturalmente.

Uns netos moraram aqui no porão, agora tem outros morando aqui (Avó 11).

A parte de baixo da casa as filhas dividiram em duas casas e elas moram aqui com os genros e os netos (Avó 12).

Em outros momentos da lembrança, o papel dos avós ganha nova tônica, na lembrança dos idosos sobre seus avós. A proteção aparece, também, quando os netos são criados pelos avós, em decorrência da morte dos pais ou porque a família está com dificuldades financeiras. Saber que os avós estão presentes nos casos de necessidades, que existe uma figura que dá garantias, permite às crianças sentirem-se acolhidas e pertencentes a um grupo, além de isso construir sentimentos positivos em relação à família e a elas mesmas.

É fundamental para o desenvolvimento psicoafetivo das crianças que elas cresçam em ambientes seguros, saibam que não estão sozinhas e que, acima de tudo, são olhadas e zeladas por alguém.

A minha mãe faleceu eu tinha 7 anos e minha nona nos criou, meu pai tinha duas irmãs solteiras que ajudavam (Avó 8).

Minha mãe morreu eu tinha 2 anos, morreu quando meu irmão nasceu e nós ficamos todos com avó (Avó 7).

Ela (avó) ia buscar leite na vizinha, mas as vezes tinha, as vezes não tinha. Depois, ela comprou uma vaca e cada um ganhava um copo de leite. A vó, praticamente, ajudou a criar nós dez (Avó 2).

Da mesma forma o avô como figura de proteção aparece na literatura e confirma o papel protetivo dos avós como uma manifestação da cultura, como um modo de agir esperado dos avós.

“Três dias depois da tragédia, levaram-me para o engenho do meu avô materno. Eu ia ficar morando ali com ele” (REGO, 1998, p. 6).

“No dia seguinte fizemos nossas malas e trouxas e nos mudamos para a casa de nossos avós maternos” (VERISSIMO, 1994, p.155).

Se, na memória dos idosos sobre seus avós e também nas obras literárias, os avós aparecem como fundamentais para o sustento ou apoio aos netos, o papel atual desenha novas necessidades. Os avós entrevistados não são os responsáveis pelas necessidades básicas dos netos, porém aparecem como aqueles que podem proporcionar-lhes maior conforto, cursos e bens materiais extras, que os pais não provêem.

A cultura aqui aparece nos bens envolvidos no exercício do papel de avós. A preocupação com educação superior é algo recente, fruto das especializações exigidas pelo mercado de trabalho.

O ‘querer’ das crianças e jovens que aparece nos discursos atuais mostra uma nova configuração das relações em que os mais jovens são ouvidos e têm a permissão para se expressar, o que não era permitido na hierarquia familiar passada.

Eu dei carro, dei faculdade (Avó 2)

A gente dá tudo o que querem (Avó 4).

Sendo assim, o vínculo entre avós e netos é estabelecido pelo interjogo de papéis. O papel protetivo dos avós na família é uma manifestação da cultura que se mantém ao longo dos anos, e assimilou as mudanças culturais na maneira de exercer esse papel. Os avós são figuras fundamentais no desenvolvimento de sentimentos como segurança, pertença e confiança. É a figura que está disponível na família para solucionar os problemas e dar apoio afetivo e financeiro.

O avô é o quebra-galho, é aquele que fica chutando a bola para todos os lados (Avô 6)

A vivência em comum com os avós, que constrói um espaço simbólico de interação, conforme discutido na categoria analisada anteriormente, permite que os avós exerçam o

papel que lhes é atribuído: cuidar, prover, estimular os netos nas necessidades físicas, sociais e emocionais.

No desempenho dessas funções, os avós introduzem os netos na corrente de pensamento da família e transmitem valores e modos de ser. Por isso, é possível encontrar traços do passado no modo de ser, mesmo que inconsciente, dos grupos atuais. Ao olhar as gerações, percebe-se a semelhança, a continuidade tanto na família quanto na sociedade que faz com que se mantenha a mesma essência, ainda que modificada pelas circunstâncias (HALBWACHS, 2004).

6.3 TRAÇOS CULTURAIS

A cultura, considerada, neste estudo, como uma teia de significados construídos historicamente é expressa através de símbolos dotados de sentido e por meio dos quais os indivíduos se comunicam e desenvolvem as atividades de suas vidas (GEERTZ, 1989).

A cultura e as atividades nela desenvolvidas não são meras reproduções ou fazeres sistematizados. O que irá dizer de uma cultura são os significados atribuídos aos fazeres, os símbolos que estes envolvem e como o grupo os entende. Na família, são realizadas diversas atividades que revelam a cultura regional, pois que possuem um significado que é compartilhado pela sociedade. Os fazeres evidenciam o modo de agir do grupo e se inserem na memória não pela repetição, que formaria a memória hábito de Bergson já discutida nesse estudo, mas como registro contextualizado dos hábitos, práticas e atividades diárias que representam o grupo e se inserem na memória coletiva.

Dessa forma, o que interessa não é o objeto ou a ação em si, para a memória coletiva; o importante é a concepção, o significado que, ao ser condizente com as correntes de pensamento, fixa-se na memória.

Nas narrativas dos entrevistados, a lembrança dos avós remete também aos fazeres dessas pessoas que ganham importância na memória por revelarem o modo de agir de uma época, de um grupo. Há práticas, hábitos, artesanatos, culinária que revelam na prática e na simbologia os traços da cultura de cada grupo familiar, de cada região.

Lembrar dos fazeres e saberes dos avós traz características e significados de cultura e permite que, nesse exercício de lembrar do avô, seja-se expectador do modo de ser de uma época, de uma família, como ocorre com Graciliano Ramos em sua obra *Infância*.

Meu avô nunca aprendera nenhum ofício. Conhecia, porém, diversos, e a carência de mestre não lhe trouxera desvantagem. Suou na composição de urupemas. Se resolvesse desmanchar uma, estudaria facilmente a fibra, o aro, o tecido. Julgava isto um plágio. Trabalhador caprichoso e honesto, procurou os seus caminhos e executou urupemas fortes, seguras.(...) O autor, insensível à crítica, perseverou nas urupemas rijas e sóbrias, não porque gostasse as estimasse, mas porque eram o meio de expressão que lhe parecia razoável (RAMOS, 2003, p. 23-24).

Geertz (1989) diz que uma atividade cultural é aquela em que do simbolismo forma o conteúdo. “Os atos culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como qualquer outro; são tão públicos como o casamento e tão observáveis como a agricultura” (GEERTZ, 1989, p. 68).

6.3.1 Saberes dos Avós

Uma das manifestações culturais presente na memória dos vínculos entre avós e netos faz referência às práticas culturais, aos traços culturais presentes naquilo que os avós sabiam fazer. Esses saberes remetem a um modo de ser, a uma época específica, ao grupo de origem fazendo com que se fortaleça o sentimento de pertença.

Os netos têm a possibilidade de conhecer um tempo remoto através do contato com os avós e receberem as tradições e costumes. Nesse contato com os mais velhos a criança percebe um outro tempo que, contudo, não lhe é totalmente estranho pois está presente no modo de agir e ser das pessoas de sua família (HALBWACHS, 2004).

É esse modo de ser transmitido na espontaneidade das relações que se fixa na memória e constitui as correntes de pensamento. Um dos pontos fixados na memória diz respeito à culinária que aparece nos discursos como um saber dos avós valorizado pelos netos e compartilhado com estes.

A culinária é uma realização dos avós e se mantém ao longo dos anos. Os idosos lembram-se do alimento feito pelos avós e como era feito; referem, também, que fazem os alimentos para seus netos. Mesmo que a maneira de esse alimento ser produzido seja diferente e independente do tipo de alimento oferecido, o significado colocado no fazer dos avós para os netos mantém-se como uma manifestação da cultura regional.

Tal manifestação cultural que se insere na memória dos netos é expressa na autobiografia de Érico Veríssimo. Em *Solo de Clarineta* o autor lembra-se de sua avó materna e de sua relação com ela, através da alimentação.

Nada amiga de abraços e beijos, seu interesse pelos netos manifestava-se na insistência com que nos seus almoços ou jantares exigia que “os marotos” comessem tudo que a vovó lhes punha nos pratos. (...) Sempre associei o nome, a figura dessa avó materna a certos odores, coisas de comer e condimentos: noz-moscada, arroz de leite polvilhado com canela, doce de figo em calda com cravo, broas de milho e pessegada com queijo da estância (VERISSIMO, 1994, p.29).

As obras literárias também são lugar de memória e manifestação da cultura. O significado depositado na alimentação revela a importância dessa prática para o vínculo entre avós e netos.

O alimento funciona como uma síntese do papel dos avós, porquanto nele são depositados sentimentos de amor, cuidado e proteção para com os netos; simboliza o conhecimento e o saber de uma geração e permite aos avós fazerem-se presentes e aceitos. São esses aspectos simbólicos que se fixam na memória coletiva. A prática da culinária, o que e como era feito é um referencial na memória para se lembrar dos aspectos que este fazer representa na corrente de pensamento.

Ela não tinha contato com a gente, mas ela proporcionava uma coisa que tu sabias que vinha dela: ela plantava o trigoinho para a gente comer canjica. Até hoje quando eu como canjica de trigo eu lembro da minha avó (avó 1).

Ela fazia aquele feijão que passa na peneira. Arranca a vagem novinha e depois passa na peneira, socavam e cozinhavam. Hoje a gente passa no liquidificador para fazer a sopa de feijão. Fica louco de bom também, mas naquele tempo era mais gostoso (Avó 2).

Ficávamos com ela uns dias e comíamos como uns reis, ela passava o dia inteiro na cozinha fazendo o que os netos queriam comer e aqui não é diferente, a gente passa fazendo coisas para os netos (Avó 5).

Na hora do lanche fazia um bacião de bolinho de chuva (Avó 9).

O ato de alimentar é uma prática cultural que revela os diferentes modos de agir de acordo com a época lembrada e mostra, também, que o significado simbólico da alimentação, os modos de pensar sobre esse fazer dos avós para os netos mantém-se o mesmo. Na convivência dos avós e netos outras práticas culturais são reveladas e aparecem espontaneamente, embora muitos desses fazeres foram modificados ao longo dos anos.

As práticas revelam os saberes dos avós, uma habilidade ou o conhecimento que serve de referência para o neto e como elemento que identifica um espaço de tempo na memória e nas relações, e que são diferentes das práticas atuais.

Ele estava sempre fazendo palheiro, sempre com a faquinha cortando fumo, o dia inteiro. Depois ele enrolava aquele cigarro de palha pra fumar, conversava sozinho e lidava com a faquinha do fumo (Avó 9).

Nós morávamos em Vila Oliva e estávamos fazendo uma casa lá. Ele (avô) trabalhava como carpinteiro e esteve lá um ano com nós. Ele que fez toda a casa, fazia tudo a mão, plainar as tábuas, tornear (Avô 12).

Ele (tio) estava perdendo muito sangue então enrolaram com um remedinho que a vó tinha. Aprendeu com as pessoas mais antigas, então usaram e protegeram ele até receber socorro. Era difícil na época (Avô 6).

Os saberes dos avós estavam ali, manifestos no dia a dia, aprendidos na participação espontânea da convivência e evidenciando os significados da cultura. Magalhães (1989) fala do idoso na cultura tradicional como aquele que lembra e expressa as lembranças que constituem o patrimônio coletivo revivido no contato entre as gerações.

A literatura também possibilita a apreensão desse patrimônio coletivo quando revela a memória das práticas culturais.

O meu avô passava no meu quarto para me ver: não tinha febre, dizia, e ia-se embora. A febre para ele, era o grande mal e o seu grande remédio as lavagens.[...]O velho José Paulino tratava de tudo, fazia sinapismos de mostarda, dava banhos quentes, óleo de rícino, jacaratiá para vermes. Curava assim os negros, os netos, os trabalhadores (REGO, 1998, p. 55).

O idoso assume lugar de sábio, de perpetuador dos mitos, lendas e costumes. Já na sociedade industrial, esse saber não é valorizado e a importância está em produzir o progresso.

Essa contradição entre ter o saber e não ver a utilidade desse saber aparece na lembrança dos idosos como avós e na relação com seus netos. Os fazeres ganham outro significado. A realização manual e artesanal é um feito solitário do avô e da avó e não tem espaço para ser compartilhado. Os idosos destacam que os netos não se interessam, que não querem aprender e que o valor desses fazeres populares foi superado pelo valor do estudo, do fazer tecnológico.

Eu sempre trabalhei, trabalho até hoje porque é sempre bom, mas ninguém quis aprender o trabalho, hoje é difícil encontrar um sapateiro por aí (Avô 11).

Agora é o estudo! Hoje em dia é importante o estudo. Eu até ensinei umas coisas de croché mas a única que faz é a Gabi, ela que fez umas mantas. Não é que nem os antigos! (Avó 7).

Os discursos apontam para as mudanças culturais ocorridas ao longo dos anos porque os saberes estão vinculados aos estudos, e a industrialização substituiu o trabalho artesanal. Se antigamente os fazeres dos avós diziam das origens, do grupo e do próprio avô ao lhes atribuir

os saberes de uma cultura, hoje, o desinteresse pelos fazeres artesanais e conhecimentos dos avós destitui o lugar dos idosos.

O artesão acumulava experiência, e os anos aproximava da perfeição seu desempenho; era um mestre de ofício. Hoje, o trabalho operário é uma repetição de gestos que não permite aperfeiçoamento, a não ser na rapidez. Enquanto o artesão realizava sua obra em casa, na oficina doméstica, o velho trabalhador tem que se deslocar (BOSI, 1994, p. 78).

A desvalorização dos saberes dos avós levanta a discussão a respeito da desvalorização do idoso na sociedade. Esta coloca no trabalho produtivo e remunerado o valor das pessoas e esquece da importância social, cultural e emocional dos saberes e práticas populares transmitidas de geração a geração.

6.3.2 Práticas Religiosas

Outras manifestações culturais que apontam mudanças são as relacionadas às práticas religiosas. Na memória dos idosos sobre seus avós, os fazeres religiosos aparecem na lembrança dos ritos, no ir à missa, na roupa de domingo e nas rezas.

No discurso dos entrevistados, a lembrança da religião não enfoca a importância mítica e espiritual da fé, são lembradas as ações relacionadas ao hábito religioso, que deviam, obrigatoriamente, ser realizados, e os avós eram as figuras que exigiam e praticavam essas ações junto com os netos.

Os rituais religiosos, mesmo que pareçam automáticos e convencionais, envolvem a visão de mundo do grupo, as disposições e motivações (GEERTZ, 1989). Nas lembranças dos idosos os avós aparecem como figuras que introduziam os netos à prática religiosa.

Mesmo que o significado dessa prática não fosse verbalmente esclarecido, era algo construído socialmente e transmitido nos gestos. Fentress e Wickham (1992), ao discutirem a transmissão da memória social, destacam que os modos de fazer são passados de pessoa para pessoa através dos gestos com maior efetividade do que através das explicações.

Botava uma roupa limpa e ia para a missa, já desde pequeninha, ia para a missa com os avós (Avó 2)

A minha nona, quando levantava de manhã, arrumava a cama e, antes de ir tomar café, ela rezava aquelas orações e me chamava: 'Vem aqui também tu escutar a vó rezar' (Avó 8).

Aos domingos ela ia para a missa, eu me lembro. Ela tinha uma mula velha, não muito grande e a nona montava no selim e ia para a missa. Uma vez faltar a missa! (Avó 4).

A transmissão da religião através da prática também é lembrada na literatura. Ao presenciarem a relação dos avós com a religiosidade seja nos hábitos, nos ritos, seja nos valores, os netos entram em contato com aspectos culturais. Esses pontos aparecem nas narrativas de memória nos livros.

Nos dias de festa tiravam um pano que cobria o oratório preto de jacarandá e acendiam as velas dos castiçais. O quarto dos santos ficava aberto para todo mundo. (...) Não ia às missas, não se confessava, mas em tudo que procurava fazer lá vinha um ‘Se Deus quiser’ ou ‘Tenho fé em Nossa Senhora’ (REGO, 1998, p. 27).

A religião do meu avô era segura e familiar. Revelava-se diante do oratório erguido na sala, sobre a mesa coberta de pano vistoso. Na gaveta desse altar guardavam-se macetes, chifres de veado, sovelas, cera, pregos, torqueses, pedaços de couro em que se pulverizava fumo torrado. Em cima, luz, entre fitas e flores secas, litografias piedosas, figurinhas santas esculpidas por imaginários rudes (RAMOS, 2003, p.137).

Na memória dos idosos, na relação com seus netos e seus papéis de avós, a religiosidade aparece de maneira diferente. O que antes era feito em conjunto com os netos, hoje é uma prática solitária, destituída de obrigações e muito questionada pelos netos. Os avós falam de suas ações para despertarem nos netos o interesse pela religião sem, no entanto, obterem sucesso. Este aspecto revela uma característica da sociedade atual que não tem na religião o único referencial para guiar suas ações, além de evidenciar outra possibilidade atual, a de questionar as práticas e rituais que antigamente eram inquestionáveis.

Agora eles fazem a Primeira Comunhão, fazem o Crisma e não querem mais. Eles dizem: ‘A gente reza em casa para que ir na missa?’ (Avó 8).

Uma vez o primeiro filho se dava para os pais batizar, todo mundo fazia isso. Hoje, é gente de fora da família que batiza. (Avó 7).

Na memória dos idosos, os aspectos relacionados à religião fazem referência ao espaço da religião na vida familiar e deixam evidentes mudanças culturais no papel das práticas religiosas. Não cabe aqui discutir as mudanças das religiões enquanto sistema simbólico e as diversas representações que esta propõe, o que é ponto deste estudo são as manifestações culturais no vínculo entre avós e netos.

As práticas religiosas estão presentes na memória dos idosos, quando estes se lembram dos seus avós e, também, quando se lembram da relação com seus próprios netos. A

diferença, entretanto, está na obrigatoriedade e no compromisso familiar com essas práticas no passado e com o descomprometimento familiar religioso, no presente.

6.4 SENTIMENTO DE PERTENÇA

Além de dizerem sobre a convivência dos avós e dos netos, dos papéis exercidos pelos avós e dos traços culturais nos fazeres dos avós, considerando dialeticamente o percurso passado-presente, as narrativas apontam também para aspectos identitários da cultura que expressam o sentimento de pertença de avós e netos.

Sentir-se pertencente à família e a grupos é uma das grandes necessidades do ser humano. As pessoas buscam construir seu espaço, assumir seus lugares nos mais diferentes grupos e serem reconhecidas nos grupos dos quais fazem parte. Essa necessidade é influenciada tanto por aspectos pessoais quanto sociais.

São necessidades narcísicas que levam o ser humano à busca de pertencer a uma família, a um grupo profissional, esportivo ou a uma nação. É o que se denomina sentimento de pertencimento ou de pertença. Esse sentimento é desenvolvido pela maneira como os vínculos afetivos são formados e está presente tanto nos grupos quanto nas famílias – evidentemente, com qualidades distintas (FERNANDES [et al.] 2003, p.218).

O vínculo entre avós e netos é um dos vínculos familiares que contribui para desenvolver o sentimento de pertença, e os elementos culturais transmitidos através dessa relação são fundamentais para fortalecer a pertença.

De acordo com o discurso dos entrevistados, é possível destacar duas subcategorias que dizem desse sentimento. Uma refere-se às ‘histórias da origem’ e da vida da família e dos avós, e outra refere-se a ‘marcas e diferenças identitárias’ presentes no discurso. São falas que procuram destacar a identidade regional e responder questões sobre: de onde somos? Quem fomos? Quem seremos?

6.4.1 Histórias de Origem

Ao se lembrarem do passado, os idosos recordam a vida dos avós, as histórias que eles contavam a respeito da terra natal, da viagem em que vieram para o Brasil, do início da vida em uma nova terra. Lembram-se de elementos que identificam a origem dos avós, tais como o

sobrenome e a cidade e, ao identificarem a origem dos avós, identificam também a própria origem.

Saber a história da família, como ela surgiu, o que passou na formação, dá a possibilidade de identificação entre os membros do grupo e fortalece o sentimento de pertença cuja importância já foi discutida anteriormente.

A história dos avós entrelaça memória individual e memória coletiva; a individual nas peculiaridades que cada família passou e nos significados que cada um construiu; já a memória coletiva revela a situação sócio-econômica da imigração, os valores compartilhados na época; fala dos acontecimentos históricos trabalhados pela memória.

É justamente essa transmissão do passado que Ecléa Bosi (1994) salienta como sendo a função própria dos velhos. Em suas reflexões sobre a memória destes, a autora destaca que nem todas as sociedades e grupos esperam do idoso esta função, a de transmissor da cultura familiar e grupal de antes, mas que, na sociedade em que vivemos, os homens afastados do trabalho lembram mais que os ativos e, portanto, para algumas sociedades a única conduta que se espera do ancião é lembrar.

Halbwachs (2004) também discute esta idéia e diz que, justamente por ter a função de recordar o passado, os avós transmitem as tradições, os costumes e os modos de pensar de forma que, mesmo sem se dar conta, a criança aprende valores e entra em contato com características que, futuramente, poderá identificar em seus pais e até em si mesma.

Lá onde eles nasceram, no interior, eles já tinham pensão. O primeiro hotel da cidade foi do meu avô, quando eles vieram para Caxias a intenção era abrir uma pensão só que meu avô teve a infelicidade de, depois de sete dias que eles estavam aqui, morrer (Avô 3).

No falecido pai colocaram o nome de Emilio porque a vó era Emília, ela veio de Treviso, Itália [...] o meu vô era da França e se encontraram aqui no Brasil. Quando eles vieram de lá para cá não sei se eles tinham 10 ou 11 anos (Avô 4).

Eles vieram da Itália e demoraram 3 meses para vir, ela contava. Dizia que passavam fome, veio de lá longe com pouco dinheiro, quando um ficava doente o que é que eles faziam? Não faziam nada, nem médico tinha lá, e se morria jogavam no mar (Avô 8).

Nessa categoria fica ainda mais clara a relação entre as memórias. A memória autobiográfica enreda-se na memória social e na história; a história individual e vivida pelos avós e pelas famílias é um ponto de vista de uma história em comum. A literatura também oferece outros pontos de vista da memória coletiva e reforça a importância do vínculo entre avós e netos, enquanto meio de construção de identidade.

A história da fundação da família revela também as bases morais e culturais que alicerçaram o grupo e servem ainda hoje como exemplo para os idosos. Essa função não

aparece quando os idosos lembram de suas relações com os netos. As histórias dos avós que são transmitidas para os netos têm outra representação para os idosos que não é a transmissão das origens; está mais voltada para a identidade, para expressar marcas e demarcar diferenças que falam e compõem, portanto, outra idéia dentro desta categoria.

6.4.2 Marcas e Diferenças

Como elementos que fortalecem o sentimento de pertença ao grupo e à cultura, é possível destacar, no discurso dos idosos, pontos que marcam a individualidade tanto dos avós quanto de si próprios e diferenciam épocas e modos de ser avô e neto.

Assim como o sentimento de pertença fica evidente na memória, através das lembranças das origens familiares, faz-se presente, também, pela lembrança de valores, de comportamentos, de pensamentos e de sentimentos que marcam a identidade e a diferenciam dos demais. Ao lembrarem de seus avós, os idosos pontuam modos de pensar coletivos manifestos nos comportamentos e, muitas vezes, não identificados como uma influência do social.

Como já foi destacado, o social rege as ações dos homens de forma determinante e sutil e faz com que a grande maioria nem perceba essa influência e julgue como seu os modos coletivos de ser.

Outro ponto interessante na influência da cultura, do social, nos modos de pensar e agir aparece no trabalho reflexivo da memória. Ao lembrarem dos avós, dos pensamentos, comportamentos e sentimentos envolvidos na relação, os idosos contrapõem suas situações atuais com netos e familiares e avaliam as mudanças impostas ao longo dos anos. Os valores mudaram e, conseqüentemente, os comportamentos.

Esse jogo de olhar o passado com os olhos do presente e poder reeditar os acontecimentos é privilegio da memória. Segundo Halbwachs (2004), esse é o trabalho da memória, e tal não deve ser considerada como uma reprodução fiel do que aconteceu, e sim como uma representação, uma possibilidade na memória coletiva. A narrativa escrita nas obras literárias registra, também, esse trabalho da memória, e o narrador lembra ao mesmo tempo em que reflete sobre suas lembranças.

“D. Adriana, senhora do Sobrado – nome que na minha cidade natal se dava à mansão desses meus avós – era uma dama de moral impecável, mas para a época em que viveu, de hábitos um tanto ousados e “modernos”, pois costumava fumar cigarrilhas e escrever sonetos” (VERISSIMO, 1994, p. 2).

Essa possibilidade exercida pelos narradores – literários ou entrevistados - mostra que o vínculo entre avós e netos é meio de construção de identidades seja pelas histórias de origem, seja pelas marcas próprias que identificam as épocas e diferenciam avós e netos.

Naquela época, quando entrava uma senhora em casa ela (avó) mandava as netas se recolherem, porque não sabia se aquela era direita ou não. Hoje em dia, pode beijar uma pessoa, é educação; naquele tempo se uma moça fosse beijada e chegasse lá em casa, ela fechava as meninas em um quarto porque aquela moça não prestava. É verdade! O povo daquela época era muito ignorante (Avó 10).

Eu tenho a impressão que meu avô era muito evoluído para a época, ele se cobrava quando percebia que alguma coisa estava errada, e logo ele comentava com os filhos (Avó 6).

Quando minha tia mais nova foi casar ela tinha dificuldades porque não tinha casa própria e os outros tinham, então, a vó vendeu a casa dela para a minha tia comprar uma residência para ela (Avó 3).

Uma vez era só olhar que eles já sabiam, não era de surrar, respeitavam. Hoje em dia não tem mais isso, é muito diferente: os filhos se metem, fazem o que querem. A gente se criou em um sistema diferente (Avó 11).

Hoje é melhor que naquela época, naquele tempo se tinha era pouca instrução, hoje já é mais liberdade. Eu gosto mais de hoje, apesar de que, naquele tempo, se tinha mais respeito, para dizermos alguma coisa para os avós era difícil, se tinha um respeito danado mesmo! Hoje, é capaz de, seu tu falares alguma coisa, te chamarem de quadrado (Avó 4).

As marcas de identidade dos avós evidenciam valores do grupo a que pertencem. Quando lembram de sua relação com os netos, os idosos destacam a importância da história de vida no vínculo com os netos, procuram transmitir aos familiares valores e princípios éticos através das próprias vivências. Os avós marcam a própria identidade através da auto-imagem, visto que destacam aspectos que julgam importantes em si mesmos, na relação com os netos, bem como as diferenças de cada um, de cada tempo.

Os outros (netos) estão juntos, que é a moda agora. Eu acho que o mais importante era casar direito, era o costume da gente, agora é tudo moderno (Avó 12).

Os valores mudaram, mas eu sou 'sargento' e tem coisa que eu não admito, na mesa tem que ter respeito e tem que ter respeito por que? Porque é assim (Avó 5).

Eu procuro ensinar coisas boas para os netos, nós dizemos para eles: 'Nós íamos nas festas mas, naquela época, não tínhamos tanto sapatos como vocês', eles dão risada. Hoje tem que ter um monte de coisa. Eles não acreditam quando contamos que na nossa época era tudo seguro, hoje é um par de sapato por dia (Avó 8).

Essas memórias mostram os aspectos identitários da cultura que são colocados à disposição dos netos através do vínculo com os avós e que são, ao mesmo tempo, possibilidades de afirmação e reinvenção dos próprios avós. Ficam evidentes as marcas de

cada época que possibilitam o fortalecimento do sentimento de pertença. Essas, que relativizam o tempo, conforme já destacado na revisão teórica, são construções inerentes do grupo, que busca, em seus próprios acontecimentos, pontos de referência.

Nas falas sobre pertença, o tempo ganha atenção especial à medida que os modos de pensar, agir e sentir são localizados na “época dos avós” e diferenciados da época atual. Ecléa Bosi (1994) também fala a respeito desta localização do tempo dos idosos e discute as idéias de Simone de Beauvoir cuja visão é de que o presente é o tempo dos jovens, da produtividade; o tempo dos idosos, marcado nas falas por expressões como ‘nosso tempo’ e ‘meu tempo’, é a época em que eles eram produtivos, em que trabalhavam e exerciam uma atividade na sociedade.

O que a fala dos entrevistados mostra é que no convívio entre avós e netos o sentimento de pertença é algo construído através das histórias de origem, das experiências de vida, das marcas culturais e dos diferentes modos de ser que identificam avós e netos. As mudanças culturais são o centro da categoria em estudo, o que permite toda a dinâmica da identidade através da relação dos modos de ser do passado e do presente, do ser diferente a partir da mesma origem e expressar, assim, o caráter particular e ao mesmo tempo universal da cultura regional.

Sobre essas diferenças e semelhanças entre avós e netos e das transmissões dessas vivências na memória cabe concluir:

Eles e eu estaremos, então, sem dúvida, sob a influência de uma ilusão inversa: não estarei tão longe deles, posto que meus pais não estão tão longe de mim; mas conforme a idade e também as circunstâncias, ficamos admirados sobretudo das diferenças ou das semelhanças entre as gerações que ora se fecham sobre si mesmas e se afastam umas das outras, ora se juntam e se confundem (HALBWACHS, 2004, p. 75).

6.5 RE(-)CONHECIMENTO DA VIDA

A memória sobre o vínculo entre avós e netos expressa, entre outras coisas, as manifestações culturais presentes na relação familiar. A cultura aparece nos significados compartilhados, nos modos de ser do grupo, nas representações, na maneira de agir, de pensar, de sentir, ainda que todos estes aspectos tenham pontos particulares, individuais, é o social que rege, que molda. A maneira como cada um reconhece a si e aos outros também traz marcas do social.

A análise do conteúdo das falas dos entrevistados aponta uma quinta e conclusiva categoria que destaca a avaliação da vida. É dar-se conta de toda a história vivida e, a partir deste novo ponto de vista, reconhecer o passar natural e irrevogável do tempo, a trajetória de vida dos avós e de si próprios; fazer uma auto-avaliação dos papéis desempenhados, identificar as conseqüências do envelhecimento dos avós, e por fim, conhecer, novamente, a si mesmos, a sua vida de avô a avó com as limitações da velhice e as novas possibilidades de relações.

Essa reflexão não só assinala os aspectos culturais do envelhecimento como também registra como os entrevistados percebem o envelhecimento dos avós e como vivenciam o próprio envelhecer.

Segundo Simone de Beauvoir (1990), para se estudar a velhice é preciso abordar as mais diversas áreas para chegar o mais próximo possível dos movimentos do envelhecimento. Requer uma compreensão do contexto, pois se é idoso na família, na sociedade, no trabalho, fisicamente, psicologicamente, etc. A velhice é um fato cultural e a memória dos idosos sobre seus avós e sobre si mesmos ‘reavalia’ todos estes aspectos.

Reconhecer a vida dos avós e a sua própria vida requer uma avaliação da trajetória vivida e, neste processo, estão implicados valores, sentimentos, comportamentos, enfim os modos de agir, pensar e sentir são ‘re-elaborados’ sob a influência da contemporaneidade.

Nesse momento de reconhecimento, a memória fala das mudanças ocorridas ao longo dos anos, dos novos papéis, do envelhecimento como algo inevitável e natural. É um momento reflexivo e de ponderações sobre os modos de ser.

Ao falarem sobre si mesmos como avós, os entrevistados ponderam sobre suas vidas e reconhecem a própria trajetória. O reconhecimento é um dos sentimentos básicos envolvidos no vínculo, porquanto o indivíduo tem necessidade de reconhecer a si mesmo, de reconhecer o outro, de ter reconhecimento pelo outro e de ser reconhecido por este (FERNANDES [et al.], 2003; ZIMMERMAN, 1999).

A velhice é, justamente, a etapa da vida em que o indivíduo irá ponderar sobre tudo o que passou, suas ações, sentimentos e pensamentos. É uma etapa em que o reconhecimento ganha uma nova dimensão, pois a própria vida será avaliada de acordo com a sua posição atual e de acordo com as possibilidades da cultura.

Eu fui muito responsável e quero que Deus guarde minha memória certa até a hora de eu morrer (Avô 10).

Hoje estão todos encaminhados, eu vejo que não devo nada; fiz a minha parte (Avô 11).

Como avô eu tenho a impressão que estou sendo melhor que quando eu era pai (Avô 6).

6.5.1 Limites e Possibilidades

Ao se lembrarem de seus avós e de si mesmos com os netos, os idosos narram situações cotidianas e também acontecimentos da família em que os diversos aspectos limitantes do envelhecimento aparecem e influenciam as relações. As limitações aparecem ao impor-se uma nova maneira de fazer as atividades e nas mudanças nas relações familiares impostas pelo biológico, pelo social e pelo familiar.

Mudanças nos aspectos físicos são inegáveis, já que ocorreram com os avós e ocorrem hoje com os entrevistados. O que muda e expressa a cultura é a maneira como o idoso e a família lidam com essas mudanças e que novas possibilidades se apresentam a partir desse quadro desconhecido.

Na cultura do passado, lembrada pelos idosos, os limites aparecem na capacidade de atuação na família, na doença, na dependência dos filhos, na necessidade de cuidados. Os avós, na lembrança dos idosos, aparecem perdendo a autonomia e parecem perder também o que representavam para a família. Esse olhar do envelhecimento dos avós é um olhar de quem também está envelhecendo. Lembrar dos avós é olhar para si mesmo.

Eu era pequena e já peguei aquela fase em que ela estava doente. A gente ia na fazenda, mas não tinha muito contato com ela.”(Avô 1).

Ela trabalhava, sempre trabalhou, querida, e no fim é que se entregou, acho que já estava esclerosada mesmo (Avô 4).

Ela era muito mão aberta depois que ficou de idade. Tudo ela era de acordo e o filho mais velho logrou ela (Avô 7).

Às vezes tu contavas uma coisa e ria, mas ele não pegava tudo e ficava, não digo triste, mas meio recatado no canto da sala (Avô 5).

Na lembrança dos idosos sobre suas relações com os netos, os limites aparecem influenciando, diretamente, na forma como se relacionam com os netos, no que faziam, antes, e não podem mais fazer agora. Esses limites identificados pelos idosos não são apenas físicos, são, antes de tudo, limites sociais, culturais e psicológicos. São atividades que eles tiveram que parar de exercer, pois, fisicamente, não é mais possível; são proibições impostas pelos

familiares ou cuidados excessivos que cerceiam a liberdade de agir e de falar; são momentos de solidão e de submissão.

Eu perco um pouco a paciência, não sei se é porque a idade vai chegando e eu tenho impossibilidades físicas que não aceito (Avó 5).

Não deixam eu pegar ele (neto), agora não pode isso, não pode aquilo (Avó 9).

Eu já fui xingada pela própria neta, mas tem que ficar quieta (Avó 2).

Se, por um lado, o envelhecimento vem impor limite e exigir que o idoso lide com as mais diversas perdas, por outro, dá novas possibilidades de relacionamento entre avós e netos. Ao lembrarem de suas relações com os netos, os idosos destacam a mudança de papéis. A velhice dos avós coincide, na maioria das vezes, com a adultez dos netos. Na idade avançada, os avós passam a ser cuidados pelos netos adultos, essa nova configuração das relações familiares pode ser muito positiva para ambos, pois possibilita a troca de experiências.

Os idosos entrevistados, apesar de sentirem as perdas impostas pela velhice, buscam uma nova maneira de ser idoso e falam sobre cuidados, dedicação e trocas mútuas. Eles sentem satisfação isso porque há crescimento para avós e netos e não apenas convivência por obrigação.

A gente faz tudo, o que eles quiserem, a não ser agora que estou limitada fisicamente, mas eles descem sempre aqui para brincarmos e conversarmos (Avó 3).

Faleceu minha esposa a 22 dias e eles estão todos em roda de mim, me cuidando (Avó 12).

Elas me levam no médico, vão na farmácia, estamos sempre juntas (Avó 2).

Os avós que expressam essas novas configurações mostram lidar com as limitações, buscando novas maneiras, novas possibilidades de ação. Essas diferenças de vivenciar a velhice expressam as mudanças culturais que estão ocorrendo nos últimos anos, em relação à importância e estudo do envelhecimento. A preocupação com o envelhecimento de qualidade, ainda que esteja no início, já acarreta mudanças no olhar da sociedade para o velho e, também, na maneira como o idoso percebe-se na sociedade e na família.

A maneira como se vivencia a velhice revela a cultura e a época em que vive. Na literatura esses modos de ser também estão presentes e são redimensionados pela lembrança, porém tal trabalho é realizado por um narrador adulto que fala de sua vida e não se coloca na

condição de idoso e avô. De qualquer maneira, a vida e a velhice dos avós são lembradas marcando o reconhecimento e os limites dos velhos.

Era um velho tímido, que não gozava, suponho, muito prestígio na família. Possuía engenho na mata; enganado por amigos e parentes sagazes, arruinara e dependia dos filhos. Às vezes endireitava o espinhaço, antigo proprietário ressurgia, mas isto, rabugice da enfermidade, findava logo e o pobre homem resvalava na insignificância e na rede. (RAMOS, 2003, p. 22-23)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foram privilegiadas as memórias de idosos sobre seus avós e seus netos e, através dessas narrativas, analisaram-se as manifestações culturais presentes no vínculo entre as gerações.

A memória mostrou-se campo fértil para os estudos da cultura, ao propiciar a lembrança do passado sob a perspectiva contemporânea e estabelecer o diálogo entre o que era, o que é e o que continua nas relações geracionais dimensionadas pela cultura regional. A memória proporcionou entrar em contato com, cada entrevistado, com a história vivida deles e, ao mesmo tempo, com a história da sociedade.

Através da análise de conteúdo das narrativas, entendeu-se que a memória coletiva contextualiza as lembranças e que é a própria cultura na memória. Para completar este estudo, foram privilegiadas três obras literárias cujos narradores lembram de seus avós e representam o trabalho da memória coletiva enquanto meio de transmissão cultural.

Os excertos foram vinculados às cinco categorias de análise destacadas das narrativas dos entrevistados e evidenciam as manifestações culturais no vínculo entre avós e netos. Estas memórias não foram incluídas no corpus por não preencherem os requisitos para tal. O diálogo realizado através das lembranças dos entrevistados e das lembranças dos personagens literários reforçaram a importância da literatura enquanto lugar de memória coletiva e enquanto meio de representação da cultura.

As questões e objetivos que nortearam esta pesquisa foram respondidos a partir da análise das categorias que sintetizaram as idéias que expressavam a cultura na memória do idoso. Em cada categoria, destacaram-se aspectos do passado, através da lembrança sobre os avós e do presente, na lembrança sobre os netos e, com estes dois momentos da memória, evidenciou-se a dinâmica cultural.

A cultura está nos modos como se estabelecem as relações, no exercício dos papéis, na expressão dos sentimentos, nas construções simbólicas e em tudo o que envolve o homem, ainda que sutilmente, ainda que o homem lute contra a influência do social. No vínculo entre avós e netos, tais influências se dão intensamente na importância da convivência, nas

atribuições dos papéis, nas demonstrações dos sentimentos, nos ensinamentos e reconhecimento mútuo.

A cultura sofre influência das relações, à medida em que elas são meio de transmissão cultural. Os idosos entrevistados expressaram em suas narrativas a importância dos avós enquanto agentes culturais e relacionaram o vínculo que tinham com seus avós e o que estabelecem hoje com seus netos.

Na aplicação da análise de conteúdo emergiram as categorias que manifestam a cultura: Espaços de convivência, Papéis dos avós, Traços culturais, Sentimento de pertença e Re(-)conhecimento da vida. Essas categorias foram organizadas para o estudo mas, todavia ocorrem de forma interdependentes na relação entre avós e netos.

Na categoria ‘Espaços de convivência’, fica claro que conviver com os avós mantém-se como um valor social que instaura um espaço simbólico de troca cultural. É no estar junto, pois, que os netos são inseridos na dimensão da tradição, da identidade familiar, dos hábitos, crenças, fazeres, modos de ser, pensar e sentir.

Os avós apareceram nas falas como responsáveis por momentos lúdicos e fraternos, mas também como agentes socializadores inseridos em espaços que retratam uma época. São nesses lugares reais e simbólicos que exercem os papéis sociais esperados para os avós. Os idosos lembraram dos avós e de si mesmos como figuras protetoras, representantes da estabilidade, da segurança e do conforto para filhos e netos.

É no espaço construído pelas duas gerações que as outras manifestações culturais também se apresentam. Os avós exercem seus saberes, produzem artefatos, artesanatos e realizam práticas importantes para suas vidas, e os netos entram em contato com os traços culturais, seja pela participação, seja pela observação e identificam ali os modos de ser de uma época, da família e de si mesmos.

Os entrevistados falaram da continuidade dos modos de ser ao identificarem no vínculo com os avós e com seus netos elementos importantes para a construção da identidade. Essa construção se dá através das histórias das origens da família contada pelos avós e através das semelhanças e diferenças entre as gerações, entre as famílias e na cultura. Esses referenciais culturais, disponibilizados no vínculo entre as gerações, fortalece o sentimento de pertença dos netos.

Todos esses aspectos ocorrem de forma contínua e dinâmica ao longo da vida e são redimensionados quando da senilidade, da idade avançada, dos limites físicos e sociais. Um novo momento se instaura na relação entre as gerações: É tempo de reconhecer os limites dos avós, seus próprios limites e as novas relações impostas pela velhice. É a possibilidade de ser

reconhecido e valorizado pelos seus feitos, de se ver imortalizado pelas gerações seguintes nos modos de ser, nos valores ensinados. Contudo, é também o momento de ser cuidado, de ser dependente.

O estudo mostrou manifestações culturais comuns nos dois momentos da memória, da cultura. São modos de ser semelhantes que conservam a mesma essência cultural, mas que ganharam novas configurações com o passar dos anos.

No passado, a convivência dava-se na participação das atividades diárias e na inserção do neto no espaço dos avós; hoje, os idosos falam da convivência com os netos através da brincadeira; os avós são inseridos no espaço infantil e modificam seu próprio espaço para os netos.

Outra mudança foram as formas de exercício do papel protetivo e provedor dos avós. Estes continuam sendo o esteio da família nas horas de necessidade, no entanto, hoje, não garantem só as necessidades básicas, são provedores de maior conforto, brinquedos, cursos e outras formas de agradar os netos.

As práticas antes obrigatórias, como as religiosas, são hoje opcionais para os netos. As diferenças de valores e comportamentos apresentam-se como marcas de identidade e de diferenças de gerações de forma mais clara e determinante que nas relações do passado.

No discurso dos avós sobre seus netos, ficou evidente que as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas alteraram a organização familiar e os valores. Há maior individualidade nas tarefas, nos compromissos extrafamiliares; o tempo longe de casa, com a educação terceirizada seja nas escolas ou com babás, também é maior. Nota-se, também, uma substituição do artesanal pelo industrial, do regional pelo globalizado; os avós aparecem como figuras que resgatam os elementos que são paulatinamente substituídos.

As relações lembradas pelos entrevistados conservam a essência do passado e recebem as nuances do presente. É possível perceber-se épocas distintas em convivência dialética priorizando o crescimento mútuo.

Esta pesquisa mostrou o quão insubstituível é a relação intergeracional. Os idosos são, pois, figuras ímpares no processo de constituição do indivíduo e, como tal, devem ter seu espaço preservado e garantido na sociedade. São exemplos de vida, são memória da sociedade e da família; são o modo de ser de cada indivíduo no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELAR, R. **O lugar da avó**. Recife: Fasa 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BAUER, M. e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BEAUVOIR, S. Preâmbulo. p 15- 20 In: BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.
- BELLEMIN-NOËL, J. **Psicanálise e literatura**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BELTRÃO, P. **Sociologia da família contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- BERGSON, M.H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. 3.ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.
- BRAGA, E. **Memória e literatura: uma análise das posições do sujeito no texto narrativo**. In: III CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL. Campinas, 2000-a. Disponível em:<<http://www.fae.unicamp.Br/br2000/trabs/1950.doc>>. Acessado em: março de 2007
- BRAGA, E. dos S. O trabalho com a literatura: memórias e histórias. In: **Caderno. CEDES** Campinas, São Paulo:2000-b, v. 20, no. 50, p. 84-102.
- CÂNDIDO, A. **Graciliano Ramos: trechos escolhidos**. Rio de Janeiro: Agir, 1961.
- CÂNDIDO, A. **A personagem de ficção**. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CASTELLO, J. **José Lins do Rego: modernismo e regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

CHAVES, F. **Érico Veríssimo: o escritor e seu tempo.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/Ufrgs, 2001.

COUTINHO, E. Memorialismo em José Lins do Rego. In: COUTINHO, E. [et al] **Ensaio sobre José Lins do Rego.** João Pessoa: Fundação Espaço Cultural da Paraíba, 1988, p. 25-34..

COUTINHO, E.; COUTINHO, A. **A literatura no Brasil.** 6.ed.v.5, São Paulo: Global, 2001.

DIAS, C. M. e SILVA, M.e. Os avós na perspectiva de jovens universitários. In: **Psicologia em estudo.** Maringá,Paraná: Ed. Uema, 2003, v.8, no.especial, p.55-62.

DURKHEIM, E; RODRIGUES, A.:(org) **ÉMILE DURKHEIM: sociologia.** São Paulo: Ática, 1978.

EFFTING, M. **A contadora de histórias na literatura de José Lins do Rego.** In: O Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. **Artigos...** Florianópolis, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Marilda_Effting_41_B.pdf> Acessado em maio 2007.

ENDERS, A. **Les lieux de mémoire, dez anos depois.** Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/119.pdf>>. Acessado em: outubro de 2006.

FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado.** Lisboa: Teorema, 1992.

FERNANDES, W., SVARTMAN, B.; FERNANDES, B.[et al.] **Grupos e configurações vinculares.** Porto Alegre: Artmed. 2003.

GAGNEBIN, J. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

HERÉDIA, V. A família, a educação e o envelhecimento humano: desafios para a sociedade. In: CASARA, M.; CORTELLETTI, I.; BOTH, A.(ORG) **Educação e envelhecimento humano.** Caxias do Sul: Educs, 2006, p. 109-131

KENSKI, V. Sobre o conceito de memória. In: FAZENDA, I. (org). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.** Campinas: Papyrus, 1995, p. 137-159.

LE GOFF, J. **História e memória.** São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

LENHARD, R. **Sociologia educacional.** 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1978.

MACIEL,S. **A literatura e os gêneros confessionais.** Disponível em: <www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf>. Acessado em: abril de 2007.

MAGALHAES, D. **A invenção social da velhice.** Rio de Janeiro: Papagaio, 1989

MORAGAS, R. **Gerontologia social:** envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas,1997.

OLIVEIRA, P. de S. Cultura e co-educação de gerações.In: **Psicologia. Universidade de São Paulo**, 1998, vol.9, n.2, p.261-295

OSÓRIO, L. C. **Família hoje.** Porto Alegre: Artmed, 1996.

OSÓRIO, L. C. A família como grupo operativo. In: ZIMERMAN, D.; OSÓRIO, L.C. **Como trabalhamos com grupos.** Porto Alegre: Artmed, 1997, p. 45-49.

PAVIANI, J. **Cultura, humanismo & globalização.** Caxias do Sul,: EducS, 2004.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

POZENATO, J. C. **Processos culturais:** reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: EducS, 2003.

QUINTANEIRO, T; BARBOSA, M.; OLIVEIRA, M.. **Um toque dos clássicos:** Marx, Durkheim e Weber. 2. ed. Belo Horizonte: Ufmg, 2002.

RAMOS, G. **Infância.** 37 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RAMOS, T. **Por uma poética das memórias literárias.** Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/11.shtml>>. Acessado em: outubro 2006.

REGO, J.L. do. **Menino de engenho:** romance. 68 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

REMÉDIOS, M. **Literatura confessional:** autobiografia e ficcionalidade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

RUSCHEL, Â. e CASTRO, .O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. In: **Psicologia. Reflexão e Crítica.** Porto Alegre: Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Ufrgs 1998, vol.11, no.3, p.523-539.

SALGADO, C. **Gerontologia social.** Buenos Aires: Espacio Editorial, 2000.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERISSIMO, E. **Solo de clarineta:** memórias. 18 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1994, v 1.

VLIESE, T. **A infância pelas mãos do escritor** – um ensaio sobre a formação da subjetividade na psicologia sócio-cultural. In: III CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL. Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.Br/br2000/trabs/1100.doc>>. Acessado em: março de 2007.

ZIMERMAN, D. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica** - uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ANEXO 1

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- Eu gostaria que o senhor (a) me contasse o que lembra de seus avós.
- Como eles eram? (O que faziam, diziam, pensavam)
- Como era ser avô/avó?
- Como é hoje ser avô/avó?
- Me fala sobre o relacionamento do senhor(a) com seus netos. (o que fazem)